

No VII centenário do nascimento de Boccaccio (1313-1375)

Para um estudo da sua circulação editorial, na Europa
mediterrânea e no ocidente, entre 1336 e o fim do
período incunabular

Manuel Cadafaz de Matos

Academia Portuguesa da História e CEHLE
e-mail: manuelcadafazdematos@cehle.com

Um estudo rigoroso e sério da circulação editorial dos testemunhos de Boccaccio, desde a produção da considerada como sua primeira obra de fundo, o *Filocolo*, de 1336, não pode dispensar hoje uma perspectiva e leitura, naturalmente que complementar, entre os registos da sua produção textual autógrafa (faseada) e os primeiros níveis de multiplicabilidade técnica dos mesmos. Essa reprodutibilidade passou a ser-lhe conferida, cerca de um século *post mortem*, em Itália e no mundo culto ocidental, pela técnica tipográfica.



Retrato em pintura de Giovanni Boccaccio, pelo pintor italiano Andrea del Castagno

É actualmente, com efeito, aos pesquisadores de História da Imprensa e de História da Edição – tanto como aos investigadores de História Literária – que incumbe uma leitura desapaixonada e crítica desse sistema cultural. Trata-se, afinal, de um complexo processo, transformador e revelador, no seu âmbito evolutivo, que vai da génese conceptual dos próprios textos (ou mesmo das influências recebidas pelo autor), à transformação dos processos de circulação desses mesmos documentos literários, filosóficos ou científicos.

Secção I: O contexto sincrónico: da vitalidade da herança boccacciana e das linhas essenciais do seu pensamento

Nos estudos boccaccianos que temos desenvolvido ao longo das últimas décadas, sistematizamos regularmente a sua estética literária¹ – seguindo um esquema de natureza tanto cronológica (entre 1336 e o período do seu desaparecimento, em 1375) como de matriz ideológica – em três grandes grupos: **I-** *Da prescrutação do ser sensível* (ou o despertar para as letras no período napolitano); **II-** *Da fidelização a Petrarca como Mestre*; e **III-** *Da afirmação dos feitos e dos talentos pela virtude* (evocando figuras ilustres de ambos os sexos).

O primeiro daqueles períodos corresponde ao da sua permanência em meios mercantis napolitanos. Este escritor medieval esteve, então, também em estreito contacto com a Côrte de Anjou e com a nobreza que aí se encontrava. Tratou-se de uma época onde este adolescente procurou ainda desenvolver os seus estudos no âmbito do Direito Canónico.

Boccaccio, nessa segunda metade da década de 30 do século XIV, enveredou pela produção literária, considerando-se serem as suas primeiras expressões nesse âmbito algumas obras, de certo modo ainda juvenis, como o poema *Caccia di Diana* (de c. 1534) ou o romance em prosa *Filocolo*. Foi ainda o caso de um outro trabalho literário, um poema em oitavas, a que deu o título de *Philostrato*.

Claude Cazalé-Bérard, entre vários outros investigadores da obra de Boccaccio, deixaram bem claro que a presença de Boccaccio nesse período em Nápoles se prendeu, unicamente, ao facto de seu pai integrar, aí, a representação comercial do Banco

¹ Estes nossos estudos boccaccianos, numa vertente claramente pedagógica e tomando por base a edição contemporânea *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*, na edição criteriosa de Vittore Branca, em 10 vols., Milão, 1967-1992, têm considerado, no essencial, uma diversidade de edições – que vão do período incunabular ao período quinhentista – das suas principais obras. Recordar-se com significativo apreço o incentivo recebido, para o efeito, por dois grandes Mestres do italianismo literário infelizmente já desaparecidos, primeiramente Giaccinto Manuppella (com o qual ainda tivemos ensejo de trocar correspondência) e, mais tarde, José V. de Pina Martins.

Bardi, entre 1327 e 1341². E ao longo desse período a produção intelectual daquele jovem patenteou para a época, de algum modo, um certo retrocesso na estética literária.

O segundo período da sua actividade literária poderá situar-se desde então, quando do seu regresso de Nápoles a Florença, até c. 1543. Ele marca o seu apego à estética literária de Petrarca, que desde muito cedo admirava e com o qual acabaria (como veremos adiante) por se encontrar nessa sua cidade natal. Ele teve, assim, ensejo de lhe dar testemunho da sua grande admiração.

Regressando a Florença, um dos primeiros trabalhos literários que aí compôs foi *Ninfale d'Ameto ou Commedia delle Ninfe fiorentine*. Trata-se de uma obra em prosa, com alguns tercetos de permeio, onde ele evoca Lia e o seu pastor, Ameto.

Já de 1342-1343 é uma sua outra obra poética, *Amorosa Visione*. Nela se apresentam cinco Triunfos, tendo o poeta, para o efeito, colhido a inspiração nos *Triumphs*, de Petrarca: da *Sabedoria*, da *Glória*, da *Riqueza*, do *Amor* e da *Fortuna*.

Sobre a terceira fase da produção literária boccacciana, esta prolonga-se desde a publicação da *Elegia di Madonna Fiammeta*, de 1343, sendo continuada, de alguma forma, pela *Ninfale Fiesolano*, ou se se preferir, *As Ninfas de Fiesole*.

Vários críticos já apontaram tratar-se, esta obra, na sua estruturação, de variações livres das *Metamorfoses* de Ovídio. Patrick Mula, responsável por criteriosas anotações a uma recente edição francesa desta obra poética do italiano, estabelece que *Ninfale Fiesolano* é uma narrativa que se insere no género da poesia pastoral, e liberta já – comparativamente com algumas obras precedentes da literatura italiana – não só do peso da erudita mitologia como de toda a concessão à alegoria e à tradição, ou mesmo à ornamentação literária³.

Este período da actividade de Giovanni Boccaccio veio a culminar na porventura sua obra-prima, o *Decameron*, terminada, seguramente, já algum tempo após a peste de 1348.

Não nos deteremos aqui, por razões óbvias, no conteúdo do *Decameron*, obra por demais estudada, entre os críticos mais recentes, desde Sapegno, G. Petronio, Ugo Dotti, Vittore Branca ou Pina Martins. Nem abordaremos, tão pouco, a soma de versões (para outras línguas *vivas* e clássicas⁴) que, desde muito cedo, essa obra conheceu.

² Claude Cazalé-Bérard, “Boccacce”, in *Dictionnaire Encyclopédique du Moyen Âge* (dir.^o de André Vauchez), t. I, Paris, Éditions du Cerf (em colaboração com outras instituições de Cambridge e de Roma), 1997, pp. 209-210.

³ Giovanni Boccaccio, *Ninfale Fiesolano – Les Nymphes de Fiesole*, edição e anotações de Patrick Mula, Paris: Les Belles Lettres, col.^o. “Bibliothèque Italienne”, n.^o. 33, 2012.

⁴ O franciscano Antonio d'Arezzo veio a traduzir, algum tempo depois, o *Decameron* para o latim. Foi a partir de tal versão latina específica dessa célebre antologia italiana de narrativas em tempo de peste (como verificaremos mais adiante no capítulo da recepção quatrocentista em França desta mesma obra), que Premierfait preparou a sua versão em língua francesa em inícios do século XV. Importa registar, por outro lado, que também Leonardo Bruni, Aretino (1369-1444), discípulo de Petrarca, acabou por traduzir, nesse mesmo período medieval, a novela – com que abre o Livro IV do *Decameron* – sobre *Gismonda e Guiscardo* (à qual Urbano Tavares Rodrigues em Portugal, na sua tradução contemporânea, irá dar o título de “Veneno do Amor”). Ao tempo do advento do impresso em Castela, em fins do século XV, é precisamente

Retenha-se apenas que o autor, no pórtico dessa obra magistral, na esteira de Paulo Dicono, *Histor. Longob.*, II, 4/5, se debruça, “com olho clínico, com humana piedade e com magistério descritivo, inexcdvel, sobre o tremendo fenmeno da peste [de 1348] como derrocada de corpos e de almas”⁵. Tratou-se, afinal, da mesma peste que avassalou também uma grande parte das nações do ocidente e que, em Lisboa, também provocou numerosas vtimas⁶.

Do frutuoso encontro com Petrarca à evocação de homens e mulheres ilustres que haviam caído na infelicidade

Foi pouco após o regresso de Nápoles a Florença do filho do representante do Banco Bardi naquela cidade que, em pleno ano de 1550, ocorreu na segunda daquelas urbes, o tão decisivo encontro entre Boccaccio e Petrarca. Tendo este encontro já sido abordado, sob os mais variados ângulos, pelos biógrafos do autor do *Decameron*, retenha-se, em síntese, que ele foi decisivo não apenas para o autor do *Canzoniere* como para o literato que ele tanto veio também a incentivar.

Terá sido, pois, neste período de c. 1350-1351 que ocorreu, no espírito de Boccaccio, a mais decisiva influência de Petrarca. Ela verificou-se então, num plano poético, a dois níveis, tanto no plano do *Bucolicum Carmen* como no das *Epystole*, do autor do *Canzoniere*.

Quanto à influência do *Bucolicum Carmen* de Petrarca, registre-se que esta obra tivera a sua redação iniciada c. 1346-1347. Depois de ter tomado conhecimento dos conteúdos poéticos de tal códice (numa das suas vias então em circulação) – a qual viria posteriormente, como é sabido, a impor-se como o manifesto da “nova arcdia europeia”⁷ – Boccaccio passou à composição da sua obra homnima, que passou a referenciar com o preciosismo terminológico (referenciado entre outros por Pina Martins) *Bucolicon Carmen*, na qual foram reunidas 16 clogas alegóricas.

Outra influência também colhida na mesma época dos códices daquele Mestre de poetas, adveio das *Epystole*. Assinale-se, com Michele Feo, que essas epístolas mais

por via desta novela, e a partir precisamente de uma versão de Leonardo Bruni, Aretino, que principiaram as edições de Boccaccio na Península, como veremos adiante. Uma palavra ainda para Philippe Beroldo que também veio a traduzir para o latim, dessa mesma obra-prima, as novelas *De duobus amantibus* (Dec. V-1.) e *Tito Romano e Gisippo* (Dec. X-8)

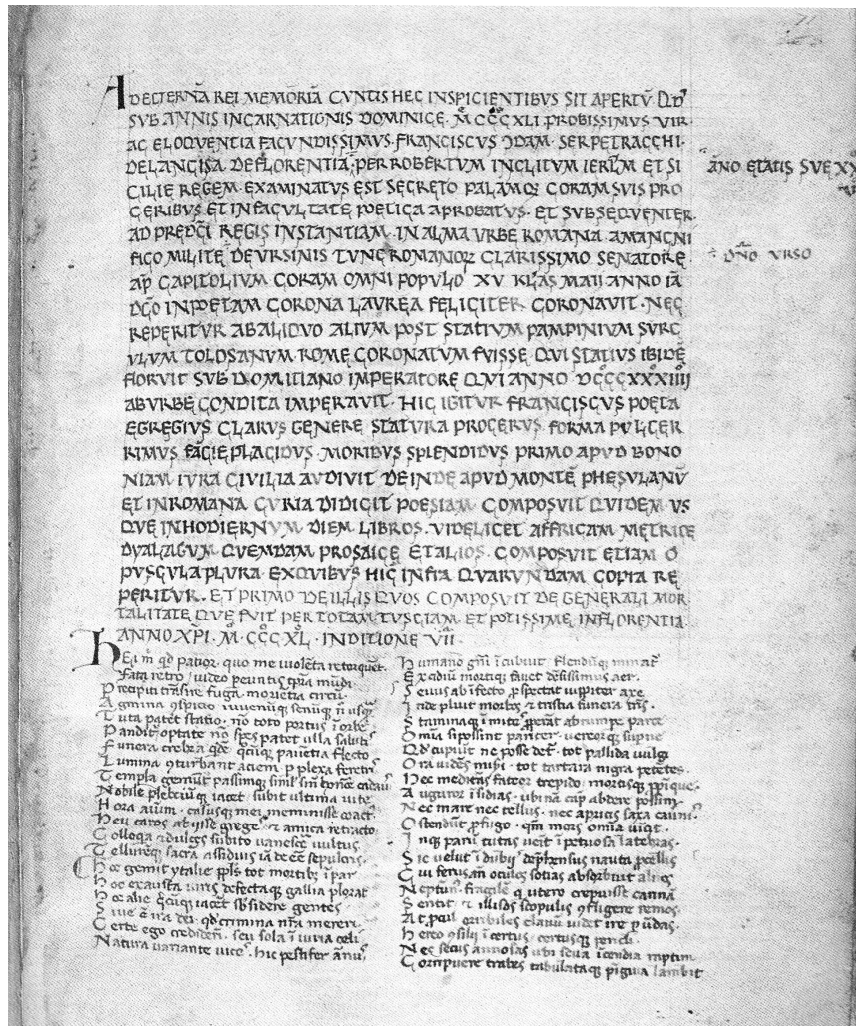
⁵ Giaccinto Manuppella, “Giovanni Boccaccio”, *EL-BC*, Lisboa: Verbo, col. 1479.

⁶ Manuel Cadafaz de Matos, “O túmulo de cavaleiro do século XIV [morto presum. pela peste de 1348], Lourenço Eanes: uma importante revelação epigráfica descoberta (em 1985) na S Patriarcal de Lisboa”, in *Revista Portuguesa de História do Livro*, Ano XVI, vols. 31-32, 2013.

⁷ Nicholas Mann, “[Petrarca-] *Bucolicon Carmen*”, in catálogo *Petrarca nel Tempo, Tradizione, lettori e immagini delle opere*, sob a direcção de Michele Feo, Florença, 2003 (no âmbito do Comit Nacional do VII Centenário do Nascimento de Francesco Petrarca, em 2004), pp. 278-291. Veja-se, ainda, Enrico Carrara, *La poesia pastorale*, Milão, Valardi, 1909, secção “Le ecloghe del Petrarca”, pp. 87-90.

não eram do que verdadeiras missivas poéticas, postas a circular por Petrarca c. de 1551 e que, desde então, “passaram a atravessar vários estádios redacionais”⁸.

Da influência de algumas dessas *Epystole* petrarquianas no Boccaccio de então apresenta Michele Feo uma sucinta ilustração. No códice XXIX.8, da Biblioteca Medicea Laureniana, de Florença, foi identificado o texto “Zibaldone”, que mais não é do que um autógrafo do próprio Boccaccio.



Autógrafo de Giovanni Boccaccio, com o texto “Zibaldone”, denotando a inequívoca influência nele das *Epystole* de Petrarca (Biblioteca Medicea Laureniana, XXIX.8, fl. 73)

⁸ Michele Feo, “[Petrarca-] *Epystole*”, in catálogo *Petrarca nel Tempo, Tradizione, lettori e immagini delle opere*, edição ant. cit., p. 293 (e p. 291 (ilustração do referido fólio). Acerca dessa passagem textual no aludido códice da Medicea Laurenziana, Michele Feo é bem explícito quando registra: “(...) Testi originari si incontrano sparsamente: alcuni rastrellò prestissimo Giovanni Boccaccio e trascrisse nel suo Zibaldone Laurenziano (XXIX.8)”.

Assinale-se, em conclusão dessa influência e deste passo que, nessa compilação poética, o florentino já patenteava, de algum modo, tal como no *Decameron*, verdadeiros interesses pré-renascentistas.

O poeta revelava-se também, no entanto, um homem – humano, demasiado humano – nas suas virtudes e nas suas fraquezas. Numa sua outra obra, *Corbaccio. Laberinto d'amore*, ele ressurgia então, com efeito, c. de 1355, numa toada medievalizante de certo modo moralizadora. E não deixa de refutar, nesse seu trabalho literário, uma certa humilhação que lhe fora dada por uma certa viúva, pela qual eventualmente terá caído de amores.

Esta terá sido uma das últimas obras em língua vulgar do autor do *Decameron*. De natureza claramente crítica (e denotando, porventura algum *azedume* na sua gestação), a mulher, num sentido lato, merece a preferência aguda da pena deste literato medieval:

Quem não a conhece [à mulher]? Quem a ouvir discorrer sobre a sua honestidade, a sua devoção, a sua santidade e dos membros da sua linhagem, a tomará certamente por uma santa e por uma descendente de reis; e, inversamente, aquele que a conhece, ouvi-la duas vezes, e por vezes apenas uma, chega a ter desejo de morrer⁹.

Entretanto na fase final da sua vida, c. de 1366-1375, Giovanni Boccaccio desenvolve uma intensa actividade literária. Primeiramente compõe dois tratados inovadores a que dá os títulos *De casibus virorum illustrium* – cuja data de produção é antecipada, por Giaccinto Manuppella para o período de 1356-1374¹⁰ – e *De claris mulieribus*.

Quanto à primeira dessas obras ela pode considerar-se, na síntese feliz de G. Manuppella, como biografias moralizantes de homens que de uma elevada condição caíram na infelicidade.

Tal como os títulos dessas duas obras indicam, o literato e diplomata¹¹ terá sido movido pela vontade de perpetuar, na memória dos vindouros, algumas personalidades, tanto homens como mulheres, cujos *exempla* bem conheceu na aludida vertente moralizante¹².

⁹ Giovanni Boccaccio, *Corbeau de malheur – Corbaccio*, edição de Giorgio Padoan, tradução de Pauline Pionchon e prefácio de Guido Baldassarri, Paris: Les Belles Lettres, col.^o. “Bibliothèque Italienne”, n.^o. 28, 2010.

¹⁰ A crítica contemporânea estabelece, com efeito, que a revisão desta obra por Boccaccio apenas deverá ter decorrido em 1374, ou seja, cerca de um ano antes da sua morte.

¹¹ Durante a sua permanência em Florença, Boccaccio viu serem-lhe atribuídas, entre 1350 e 1367, diversas missões diplomáticas junto de determinadas Côrtes. Importa assinalar, no entanto, que algumas das suas debilidades físicas, contrariadas sobretudo depois de 1362, o terão levado a citar cada vez menos essas incumbências de carácter político.

¹² G. Manuppella, *op. cit.* Vejam-se, mais desenvolvidamente, as considerações de José V. de Pina Martins in *Humanisme et Renaissance De l'Italie au Portugal Les Regards de Janus* (2 vols.), Lisbonne/ Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, em particular na secção, no vol. I,

As narrativas do *De Casibus...* [ou *Queda de Príncipes*] terão resultado, na sua expressão matricial enquanto manuscrito, de uma narrativa apresentada por Boccaccio, c. 1474, a um cavaleiro seu amigo, de nome Maginardo, Senescal da Rainha da Sicília. Aí o autor relatava as “quedas e abaixamentos que tiveram, nos estados deste mundo, muitos nobres e grandes cavaleiros: para que os homens não toldem os espíritos pela soberba, com as abundâncias da fortuna”¹³.

Já de uma índole diversa é um outro tratado por ele produzido à volta desse mesmo período, *Genealogia deorum gentilium* (1350?-1375). Tratando-se de uma verdadeira obra enciclopédica no campo de Mitologia clássica, seguindo um gosto ainda muito em voga nesse século XIV, nela o autor deu, porém, outros criteriosos sinais dos seus interesses na época. Ele apresentava aí, no livro XIV, a sua poética, ou seja, pondo aí em evidência uma verdadeira apologia da cultura literária poética¹⁴.

Algumas perspectivas para o estudo do helenismo em duas das obras deste classicista e pré-renascentista

Tanto no *De casibus virorum illustrium* (de 1356?-1374) como no *Genealogia deorum gentilium* (1350?-1375) – portanto de um período relativamente posterior àquele em que este pré-humanista conheceu Petrarca em Florença, em 1350 – que se podem detectar alguns traços ou perspectivas do seu alegado helenismo.

Para uma análise, mesmo que sumária, desta faceta específica da sua formação clássica, importa recuar até ao período de 1336-1349, ou seja, até à (primeira) fase napolitana da sua obra.

José V. de Pina Martins alude a esse facto, relevando que, “ainda melhor que Petrarca, Boccaccio soube penetrar nos mistérios dos textos literários gregos”. Ele tinha, com efeito, ainda em Nápoles aprendido com Barlaam os rudimentos da língua grega e tinha de igual modo mandado traduzir Homero (séc. VII a.C.) a Leôncio Pilatos¹⁵.

Assim, quando passou a redigir a *Genealogia...* ele retomou (se é que alguma vez deixou de a ter presente) essa mesma consciência da cultura grega. Em vários passos dessa obra, como, por exemplo, em XV, 7, ele deixa bem claro que “foram de tal modo negligenciados os estudos helénicos ao ponto de hoje não se saber ler, sequer, as letras do alfabeto”. Como é hoje de plena actualidade esta afirmação.

Mais adiante ele estabelece, por outro lado, que os clássicos latinos são “susceptíveis de nos tornar melhores”. E Pina Martins – como o fizera antes Sapegno em rela-

“[Boccacce], Les oeuvres principales”, pp. 211-226, votada exemplarmente a este literato italiano.

¹³ Boccaccio, *Queda de Príncipes*, Toledo, 1511 (Madrid, Biblioteca Nacional de Espanha).

¹⁴ Giovanni Boccaccio, *Genealogia deorum gentilium*, numa edição de V. Romano, 2 vols., Bari, 1951. No estudo desta obra temos seguido, preferencialmente, um exemplar da edição quinhesta veneziana, existente na nossa biblioteca (depositada no CEHLE).

¹⁵ José V. de Pina Martins, *Humanisme et Renaissance...* (1989), tomo I, p. 226.

ção a este pré-humanista italiano – sublinha assim o “interesse universal pela cultura greco-latina” de Boccaccio. Põe por outro lado em evidência o facto de, curiosamente, ter sido no final da sua vida, nestas páginas da *Genealogia deorum gentilium*, que ele tanto se voltou para essa cultura helénica.

Uma outra perspectiva do helenismo na fase final da obra de Boccaccio encontra-se, como referimos atrás, na sua obra *De casibus virorum illustrium*. O autor, relatando mais um caso da *queda* de um *príncipe*, detém-se, a dado passo, na questão lendária do rei Polícrates.

Neste passo importa uma vez mais recuar no tempo e lembrar a colaboração que lhe havia dado, anos antes, Leôncio Pilatos, que o próprio pré-humanista italiano havia incumbido de traduzir Homero e outros autores helénicos. Para além dos textos homéricos, com efeito, Boccaccio conhecia relativamente bem a obra de Heródoto (séc. V a.C.).

Fora precisamente em Heródoto¹⁶ que Boccaccio – ou eventualmente Leôncio Pilatos – colheira eruditos ensinamentos sobre o lendário Polícrates de Samos¹⁷. Este tinha sido detentor de um poderoso anel cujo historial interessou também a Boccaccio.

¹⁶ Remete-se para *The Landmark Herodotus. The Histories*, edição de Robert B. Strassler (n. 1937), numa nova tradução por Andre L. Purvis, introdução por Rosalind Thomas, Nova Iorque: Anchor Books, 2007, em particular in pp. 225-227. Aí o compilador estabelece, a respeito de Polícrates e da sua lenda, alguns aspectos pertinentes como o quebrar a sua relação de estreita *aliança* com o anel (o que traduz certo simbolismo com algumas ramificações ao próprio *social*); um curioso sonho premonitório de uma irmã do *senhor do anel*, que prevê a sua morte; uma oferta de Cambises, para apoio de um ataque ao Egipto; ou um certo plano de se enfrentar militarmente a ilha de Samos. Remete-se ainda para *Heródoto, Histórias, Livro III*, introdução, versão do grego e notas por Maria de Fátima Silva, docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e por Cristina Abranches, assistente na mesma instituição, Lisboa, Edições 70, 2007, em particular in pp. 70-75. Estas investigadoras, nas suas notas, não referenciam Platão, no tratado *A República* (quanto a mitemas de índole comparativa entre os casos de Polícrates e Crésus), nem o aproveitamento por Boccaccio, na sua obra, do caso do mesmo Polícrates.

¹⁷ Charles Delattre, *Le Cycle de l'anneau. De Minos a Tolkien*, Paris : Éditions Bellin, 2012. Na concisa síntese deste historiador na sua obra, estabelece-se, a propósito de Polícrates, que ele viveu no referido século e que foi o suserano todo poderoso da ilha de Samos que tudo conseguia. Mesmo com a ambição de não ultrapassar as leis do universo, que reservavam a felicidade absoluta aos deuses e puniam aqueles que os quisessem igualar, Polícrates ousou sujeitar-se a uma pesada sentença dos deuses e, para isso, desembaraçou-se de um anel que lhe era caro, lançando-o ao mar. Um peixe, porém, apoderou-se desse anel, acabando por ser pescado por um natural daquela ilha de Samos que o levou, precisamente, ao cozinheiro do palácio real, que o serviu a Polícrates. Foi no ventre deste peixe, de facto, que o monarca veio a encontrar, com alguma alegria, esse bem que outrora lhe fora precioso. Cumprindo-se o que estava como que destinado, o *ciclo do anel* encerra-se em tragédia. O monarca da ilha de Samos, Polícrates, acaba por ser preso e morrer em plena tortura. Voltaremos, mais adiante, no contexto diacrónico da obra de Boccaccio, no caso de uma edição ilustrada francesa do *De casibus ...*, a esta problemática.

Esse historial entroncava numa lenda já de matriz platónica¹⁸ que o autor e compilador quatrocentista veio a utilizar precisamente na sua obra *De casibus virorum illustrium*.

A história lendária de Polícrates¹⁹ – que foi bem conhecida durante toda a Antiguidade – tinha sido narrada de uma forma cabal e explícita, como atrás referimos, por Heródoto. Este fizera alusão a essa figura que foi o tirano de Samos, que vivera no século VI a.C. e que não tinha limites na sua ambição. História sem dúvida de características também moralizadoras e com contornos mais complexos, ela foi utilizada por Boccaccio com vista a enunciar os casos de alguns homens que, apesar de ilustres, conheceram verdadeiramente a infelicidade.

Da correspondência de Petrarca (perspectivada no Senilium...) com o humanista florentino e aspectos da condição deste último como leitor e anotador-ilustrador

Na sua leitura abrangente do mundo, Boccaccio não deixava de ter, à época, também outros tipos de interesses literários. Dotado ainda de uma significativa cultura geográfica, legou também à posteridade um significativo testemunho a tal respeito, na sua obra, produzida presumivelmente entre c. 1362-1366, intitulada *De Montibus, silvis, fontibus, lacubus, fluminibus, stagnis seu paludibus, de nominibus maris*.

Importa assinalar, por outro lado, que a leitura das obras e da epistolografia de Giovanni Boccaccio, na primeira metade da década de 70 do século XIV, ou seja, neste período final da sua vida, confirma também dois factos aliás bem conhecidos de todos aqueles que o admiraram ou privaram com ele.

Tratou-se, primeiramente, da sua grande admiração e estima por Petrarca – que havia conhecido em 1350, como vimos atrás – e da acção que ele então levou por diante, no que respeitou ao estudo e à divulgação da obra de Dante, falecido havia cerca de meio século²⁰.

Quanto à relação, nesses primeiros anos da década de 70, entre Petrarca e Boccaccio e vice-versa, a admiração já era mútua. Nesse período, efectivamente, o autor do *Canzoniere* já se encontrava bastante afectado pela idade, se não mesmo já bastante debilitado fisicamente. A falta de robustez, o cansaço, esteve também então em algumas das considerações das epístolas trocadas entre os dois intelectuais.

¹⁸ Heródoto, por sua vez, já decerto que havia bebido também alguns ensinamentos, a respeito do conceito de um anel com poderes miraculosos, no tratado *A República*. Aí Platão (427-347 a.C.) refere-se a um lendário pastor da Líria, de nome Gygas, que descobriu um anel que tinha o poder “de tornar invisível o indivíduo que o pusesse no dedo”. Tal pastor (e seguimos aqui a síntese de C. Delattre, em obra adiante referenciada em nota), graças a esse anel, conseguiu seduzir a rainha, matou o próprio rei e assumiu o poder. Fundou assim a dinastia dos Mermnados, cujo último representante foi o rei Crésus.

¹⁹ Veja-se ainda, a respeito desta mesma lenda, José Teixeira Rego, “O Anel de Polícrates”, in *Páginas de Antologia Clássica*, 1916, pp. 47-50.

²⁰ Tinha sido na cidade italiana de Ravenna que o poeta Dante Alighieri havia falecido (então com a idade de 56 anos) no ano de 1321.

Boccaccio e Petrarca não distavam muito um do outro, já se vê, nesse terceiro quartel do século XIV, nas respectivas idades. Nas suas formas de viverem a velhice, a produção literária e intelectual continuava a despertar um particular gosto para ambos.

O autor do *Canzoniere*, no final da vida, numa das cartas de *Rerum Senilium libri*, procurou responder, de uma forma cabal, às preocupações de Boccaccio sobre a forma de viver essa mesma velhice. Num texto hoje bem conhecido e repleto de interesse biográfico no âmbito da biografia petrarquiana – e seguimos, aqui, a tradução, aliás exigente e meticulosa, feita por Luís André Nepomuceno da *Vida de Petrarca* por Ugo Dotti²¹ – o poeta registava não ter, então, interesse em viver muito mais.

Ele denunciava, afinal, a vida lamentável de alguns homens do seu tempo, a qual pouco mais era do que uma confrangedoras soma de vaidades:

e como poderia desejar viver tão longo tempo entre esses costumes de que me dói ser testemunha? Entre esses torpes e deformados hábitos dos homens vaidosos que sempre repreendi com a palavra e os escritos, será que não consegui estigmatizá-los com aquela indignação e com aquela cólera que tanto provei? Embora se digam italianos e tenham nascido na Itália fazem de tudo para se parecerem com bárbaros; e o são, de tal forma a provocar um tão torpe espectáculo em meus olhos e nos olhos dos verdadeiros italianos! Deus onnipotente lhes aniquile em vida e em morte, estes a quem não bastou ter arremessado na indolência a virtude e a glória dos antepassados e todas as artes da paz e da guerra, mas que deturparam também a língua e os costumes da pátria com a sua loucura, de tal forma que eu considere felizes não apenas os nossos pais que morreram no momento oportuno, mas até mesmo os cegos que não podem ver essa nossa torpeza²².

Como homem da intelectualidade e da escrita, Petrarca, dirigindo-se a Boccaccio, acentuava a sua convicção muito pessoal de que o dedicar-se às letras, com aquela assinalável idade que já ambos tinham, não lhe trazia, apesar de tudo, quaisquer tipos de fadiga. Antes pelo contrário.

Para aquele que viveu inapelavelmente marcado pela elevação do espírito de Laura, o estudo só lhe podia trazer alegria e prazer. Para si, com efeito, nada de mais aprazível, nobre, duradouro e doce podia então existir do que o estudo e a prática das letras:

Essa minha atividade de ler e escrever, que tu me convidas a abandonar, é para mim uma fadiga leve. Ou antes: é um doce repouso que me permite esquecer as fadigas mais graves. Não há coisa que pese menos do que a pena, não há coisa mais leve. Os outros prazeres se tornam fugazes e, deleitando, fazem mal, mas a pena torna-se alegria, quando usada, e satisfação, quando se a de-

²¹ Ugo Dotti, *Vida de Petrarca* (1987), versão para a língua portuguesa (do Brasil) por Luís André Nepomuceno, Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, 2006, pp. 481-482.

²² Francesco Petrarca, *De la Vieillesse – Senil.*, livros XVI-XVII (Paris, Les Belles Lettres) a que se deve acrescentar o livro considerado XVIII, ou *Posteritati* (que deve ser considerado isoladamente do conjunto anterior). Encontra-se de momento a ser ultimado naquela editora parisiense (com previsão editorial para meados de Janeiro de 2014), a última secção dos textos de *Rerum Senilium*.

*põe, tornando-se útil não apenas a quem a possui, mas ainda a muitos outros, mesmo os ausentes, mesmo aqueles que viverão depois de mil anos. Posso dizer sem hesitação que, entre todos os prazeres, nenhum é mais nobre do que o estudo das letras, nenhum mais duradouro, nenhum mais doce, mais constante ou que seja mais fácil de aprender, para aquele que, entre tantas vicissitudes da vida, pretende dedicar-se a ele; e que não há outra coisa que se possa obter com menos tédio*²³.

Esta passagem contém, já em si, no intercâmbio de ideias entre Petrarca e Boccaccio, na fase final da vida destes dois pré-humanistas, o pressuposto de que as práticas de reflexão, as práticas literárias, contribuam, de alguma forma, para que a vida tivesse um outro sentido. Mais do que resultar, de tais práticas, um envelhecimento do espírito, elas permitiam, a quem as cultivava, um encontro com o bem estar, com o equilíbrio, com uma certa noção de felicidade.

Não será despreciando deixar-se, ainda, uma palavra sobre o posicionamento de Boccaccio como leitor e, neste âmbito, como anotador-ilustrador. Michele Feo chamou a atenção, recentemente, para o facto de na Bibliothèque Nationale de France, no códice *Lat. 6802*, terem sido identificados alguns elementos manuscritos já atribuídos ao florentino.

No fólio 153 v^o. desse manuscrito foi estabelecido ser da sua responsabilidade uma “postilla sulle cipolle di Certaldo”. Aí ele apôs, em data desconhecida com rigor, a expressão caligráfica “ondum certaldenses erant”²⁴.

Foi já de natureza diversa uma outra presumível intervenção manuscrita de Boccaccio no mesmo códice, agora no fólio 220 r^o. Aí detecta-se, ao fundo à esquerda, uma “cabeça viril, semicalva”. No catálogo sobre Petrarca que temos vindo a seguir, coordenado por Michele Feo, essa ilustração é perspectivada deste modo: “Nel *Plinio* ... nel margine esterno della colonna a [deste folio], si ve una piccola testa virile semicalva e barbata (...): anche questo disegno i negazionisti ora attribuiscono a Boccaccio sulla base di una somiglianza con le testine dell’autografo del *Decameron* (cod. Hamilton, 90), somiglianza in questo percepita e affermata anche da Degenhart e Schmitt”²⁵.

Esta é, sem dúvida, outra perspectiva da obra do humanista de *Senilium*, que deixa outros aliciantes caminhos em aberto aos investigadores.

Em torno da tradução por Petrarca da história de Griselda

O autor do *Canzoniere*, fascinado pelo conteúdo do *Decameron*, tomou uma decisão que dá prova desse reconhecimento do valor intelectual daquele outro que muito o

²³ Idem, *ibidem*, pp. 866-868.

²⁴ Petrarca, “Codici non postillati”, in catálogo *Petrarca nel tempo...*, edição ant. cit., p. 507: apontamento caligráfico de Boccaccio.

²⁵ Petrarca, “Codici non postillati”, in catálogo ant. cit., p. 508.

admirava. Numa das epístolas de *Senilium*, XVII, 3, documenta-se que ele tomou então a decisão de traduzir para o latim a história de *Griselda*.

Não restam assim dúvidas de que o autor do *Canzonieri* sentiu-se então, de alguma forma, (re)tocado pela história de Griselda, que já havia lido anteriormente, a partir dos escritos de Boccaccio (o quais também, eventualmente, vieram a influenciar Chaucer nesse mesmo sentido). Ele seguiu, com os cuidados do leitor-tradutor atento, os amores de uma mulher deste nome, cuja matéria lhe interessou então vivamente²⁶.

Depois de Petrarca ter concluído, com a colaboração de um calígrafo, essa tradução do referido conto do *Decameron*, ele enviou essa nova versão a Boccaccio. Para o efeito compôs ou redigiu a epístola, aliás de fino recorte literário, identificada como *Senilium* XVII, 2, hoje perspectivada como o seu *testamento* espiritual.

Ugo Dotti relevou que essa epístola, aparentemente redigida em Pádua, se faz acompanhar da data de 28 de Abril [de 1373]. Regista, no entanto, ser sua clara opinião que tal carta terá sido escrita algum tempo antes, podendo remontar a sua redacção já até ao final de 1372.

É um facto, por outro lado, que esses fins de 1372 não correspondem ao (primeiro) conhecimento, por parte de Petrarca, da obra *Decameron*. Ele já conhecia, há muitos anos, essa obra, podendo ter ocorrido, só neste outro período, a motivação para ele proceder a esta tradução parcelar de uma das suas empolgantes peças literárias.

A não-contradição: Ugo Dotti, a interpretação do exemplum de Petrarca da restituição dos clássicos, do aristotelismo-averroísmo e a oposição do saber humanístico a todo esse sistema de saberes

Há, porém, um outro aspecto a considerar neste tipo de reflexão e de vivência inovadora, por parte de Boccaccio e de Petrarca. Este advém da própria forma de olhar os pensadores matriciais da Grécia Antiga, e de Aristóteles em particular.

Ugo Dotti, como investigador petrarquista, trouxe também a este âmbito um significativo contributo. Ele permite, primeiramente, uma compreensão de alguns dos aspectos evolutivos do aristotelismo para o averroísmo.

Quanto a esta corrente de pensamento, Dotti interrogou-se sobre a forma como, ao longo de várias fases do pensamento da Idade Média, foram claros os indícios petrarquianos-boccaccianos de como – contra um certo pensamento escolástico – importou a múltiplos pensadores, em particular a filósofos eclesiásticos, recuperar Aristóteles, por via do averroísmo.

²⁶ Vide, de Boccaccio (para além da versão integral do *Decameron*, em língua portuguesa, por Urbano Tavares Rodrigues, Lisboa, Círculo de Leitores), esta composição específica, “Griselda, ou a mulher posta à prova”, in *Os Famosos Contos de Boccaccio (Il Decamerone)*, tradução de João Henrique. São Paulo (Brasil), Editora Prometeu, col.^o “Eros”, 1951, pp. 296-302. Remete-se, de igual modo, para Brunilda Reichmann Lemos, “Some differences between Boccaccio’s and Chaucer’s Tales of Griselda”, in *Letras*, n.^o 30, Curitiba, Brasil, Dezembro de 1981, pp. 7-16. Veja-se ainda a antologia *Histórias Galantes, Giovanni Boccaccio*. Selecção e tradução de Jamil Almansur Haddad. São Paulo: Editora Cultrix, 1959.

Tanto Boccaccio quanto Petrarca levaram, praticamente até ao fim das suas vidas (o primeiro em 1375 e o segundo em 1374), criteriosas produções de estética literária e de reflexão. O segundo deles, na obra *Senilium*, XVIII, 6 (correspondente quase ao final da sua própria existência), teve então ensejo de estabelecer que “quando um homem chega ao fim, está então no princípio e, quando concede a si o descanso, deve então pôr mãos à obra”²⁷.

Boccaccio (influenciado ou não por aquele seu compatriota e correspondente) parecia verdadeiramente apostado em levar também à letra estas mesmas premissas. Foi neste contexto que o historiador Ugo Dotti perspectivou, no autor do *Canzoniere*, essa defesa do próprio saber, em constante recuperação do pensamento e da Filosofia Antiga, partindo daí em direcção ao próprio campo do aristotelismo medieval.

Petrarca estava manifestamente contra – e Boccaccio seguia então, de algum modo, no mesmo percurso – aqueles autores do seu tempo que, numa postura polémica, se manifestavam contra o aristotelismo das escolas. Os dois literatos italianos, nesse apego às práticas culturais e suas representações (na feliz expressão, plena de actualidade, de Roger Chartier) detestavam todos aqueles que já haviam deixado para trás “os grandes e santos mestres da Antiguidade”, como Aristóteles, reinterpretado por Averróis, e todos aqueles outros que se situavam de Virgílio a Cícero, de Varrão a Séneca, ou de Salústio a Tito Lívio²⁸.

Cremos hoje, com efeito, que no pensamento de Ugo Dotti não subsistiu qualquer tipo de contradição neste âmbito interpretativo na estética e no pensamento petrarquiano-boccacciano. É um facto que, por um lado, em particular, Petrarca tinha um certo asco contra alguns escolásticos, que considerava retrógrados, na compreensão e interpretação de alguns filósofos gregos da Antiguidade (como Aristóteles, mais tarde reinterpretado por Averróis).

E uma vez mais foi esse Petrarca, sublinhou Ugo Dotti, que combateu “a filosofia das palavras em nome da filosofia da alma” e que opôs “o saber humanístico ao tardio aristotelismo e ao avarroísmo”²⁹. Não existe a nosso ver, com efeito, qualquer tipo de contradição de Dotti na leitura desses dois processos de análise do pensamento antigo.

²⁷ Petrarca, *De la Vieillesse – Senil.*, vol. V, livros XVI-XVII, tradução de A. Longpré, notícias e notas de Ugo Dotti reeditadas por La Brasca e por A.-Ph. Segonds, Paris: Les Belles Lettres, 2013 (em edição bilingue recente, latim-francês). A mesma passagem é assinalada na obra de Ugo Dotti, *Vida de Petrarca*, edição em língua portuguesa do Brasil, na versão ant. cit. de Luís Nepomuceno, p. 483.

²⁸ Em estudo anterior, sobre a produção literária em Roma no séc. I a.C., difundimos as principais linhas de reflexão da *Epístola a Tito Lívio*, de Petrarca, denunciando esse reviver e essa *colagem* à Cultura e à Filosofia Antiga.

²⁹ Ugo Dotti, *Vida de Petrarca*, edição em língua portuguesa ant. cit., pp. 483-484.

*A difusão da obra de Dante, por Boccaccio,
na cátedra da Badia de San Stefano em Florença*

Distaram com efeito, repetimos, apenas alguns meses entre a epístola de Petrarca, *Senilium* XVII, 2 (parcialmente aqui transcrita) e a sua aludida tradução da história de *Griselda*. Encontra-se também documentalmente comprovado, por sua vez, que essas suas últimas produções escriturísticas – nos dois últimos anos de verdadeira actividade intelectual – foram, num tempo sincrónico, acompanhadas, por parte de Boccaccio, no seu empenhado estudo de divulgação da obra de Dante.

Os últimos anos da vida do autor do *Decameron*, entre 1373 e 1375, também decorriam a tempo célere. Tinha-lhe sido atribuída como que uma cátedra, na sua cidade. Tratava-se nada mais nada menos do que da *Lectura Dantis*, que decorreu então na igreja de San Stefano da Badia. Estudando e divulgando assim, com rigor, a *Divina Comédia*, ele só teve tempo, porém, para comentar os 17 primeiros cantos do *Inferno*.

Importa reter, ainda em relação a esse apego de Boccaccio aos escritos de Dante, neste contexto, que aquele estudara e admirara a obra do autor da *Divina Comédia* praticamente durante toda a sua vida. Daí que ele tenha produzido (e posto então em circulação editorial) o seu *Tratattelo in laude di Dante* que, sobretudo ao longo do século XVI, viria a conhecer (e não apenas em Itália), uma significativa popularidade³⁰, vindo também a ser objecto de edições recentes no mundo da língua portuguesa³¹.

Ao passar a circular, em cópia caligráfica, o seu tratado sobre Dante, o próprio Boccaccio, que havia ultrapassado a barreira dos sessenta anos, já se encontrava, nesse período (tal como Petrarca um pouco antes de morrer) já bastante debilitado.

Em Outubro de 1374 Boccaccio tomava conhecimento da morte daquele seu amigo e correspondente. A sua vida, no entanto, não seria muito mais longa. Dados os males físicos de que também padecia, acabou por sucumbir, em Certaldo, precisamente nas últimas semanas de Dezembro de 1375³². Tal sucedia cerca 88 anos antes de, na cidade italiana de Mirandola vir ao mundo Giovanni Pico, filósofo que, desde muito novo, veio a abrir ao mundo novas perspectivas sobre o seu tempo e a vivência da dignidade.

³⁰ Veja-se a edição do texto de Boccaccio, *Origine, Vita, Studii e Costumi del Chiarissimo Dante Alighieri*, Florença, na oficina de Bartolomeo Sermartelli, 1576 (ver, adiante, edição Pina Martins).

³¹ A edição em fac-símile dessa edição quinhentista do texto medieval de Boccaccio foi primeiramente feita em Lisboa, acompanhada de um estudo de José V. de Pina Martins, por *O Mundo Livro*, Lisboa, 1965. Já em 2006, o Prof. Pina Martins sugeriu-nos a publicação de novo desse seu estudo, com algumas alterações. Veja-se assim, de sua autoria, “O texto da edição de *Origine, vita, studi e costumi del chiarissimo Dante Alighieri*, de Giovanni Boccaccio (1313-1375), no despertar do humanismo”, in *Revista Portuguesa de História do Livro* (sob a nossa direcção), Ano X, vol. 19, *L’Europe et le Livre au Moyen Âge*, em Homenagem a Jacques le Goff, Lisboa, CEHLE, 2007, pp. 207-226.

³² Enquanto Giaccinto Manuppella aponta para a data da morte de Boccaccio o dia 21 de Dezembro, Pina Martins, in *Humanisme et Renaissance...*, vol. I, aponta o dia de 24 de Dezembro.

A obra de Giovanni Boccaccio perpetuaria a sua vida (biológica) neste mundo. Os livros de sua autoria – e aqueles que constituíam então a sua rica biblioteca pessoal – deixaram dele um vivo testemunho. Quanto a estes últimos, porém, houve a registar a incúria dos homens. Tendo legado a sua biblioteca a outro amigo, Martino da Signa (com a responsabilidade de os deixar ver e copiar a quem o pretendesse), quis a incúria desse legatário e de vários outros vindouros que tal conjunto de obras se viesse irremediavelmente a dispersar e a maioria delas mesmo a perder³³.

Outro aspecto a ter encontra são os próprios traços da *vera effigie* desse autor pré-renascentista. Tudo parece indicar que, que até à sua morte, algum seguidor das artes pictóricas tenha feito um ou outro esboço das suas características fisionómias essenciais. Terá sido a partir de tais esboços, que irremediavelmente se terão perdido, que o pintor renascentista Andrea del Castagno (1420-1457) terá produzido, c. de 1450 – ou seja, 75 anos depois do desaparecimento daquele literato medieval – o retrato que dele hoje se conhece e se conserva na sua cidade natal, na Galeria dos Uffizi.

Secção II: O contexto diacrónico: do papel do calígrafo ao papel do impressor na multiplicabilidade dos textos de Boccaccio em circulação na Europa e no mundo

Nessa segundo metade do século XIV, a mais de um século do aparecimento da imprensa com caracteres móveis na Alemanha, a sobrevivência dos textos, para além, naturalmente, dos próprios autores, muito ficara a dever não só aos copistas como, também, aos correctores.

Conhecendo-se alguns textos autógrafos de Boccaccio que se situam entre a exegese medieval e pré-renascentista, há hoje conhecimento quer dos *copistas* que trabalharam para ele (ou a partir das suas obras) quer mesmo dos seus correctores de texto. Tudo isso se verifica num contexto sincrónico, ou seja, em pleno período da produção das suas próprias obras literárias e históricas.

Numa edição quinhentista italiana de um dos seus apreciados textos literários, *Ameto*, há uma indicação precisa quanto a um dos correctores dos seus textos. Na última carta aí apresentada, pode ler-se, com efeito, que o respectivo texto foi “*revisto e corrigido a partir de um manuscrito de 1478, de Daniello di Gheri Bulgarini*”³⁴.

Este Daniel Bulgarini, corrector dos textos de Boccaccio, mais não foi do que o pai do conhecido jurista transalpino Bulgarini.

A circulação caligráfica do texto medieval era, por razões óbvias, muito mais difícil e morosa do que se veio a tornar com o aparecimento das técnicas tipográficas. Assim, com essa descoberta, a obra de Giovanni Boccaccio passaria a conhecer, em termos de circulação pela Europa e pelo mundo, apenas cerca de um século após a sua morte, uma notória difusão que muito beneficiou a sua recepção e estudo.

³³ Sapegno, *op. cit.*, p. 290; Pina Martins, *op. cit.*, p. 213,

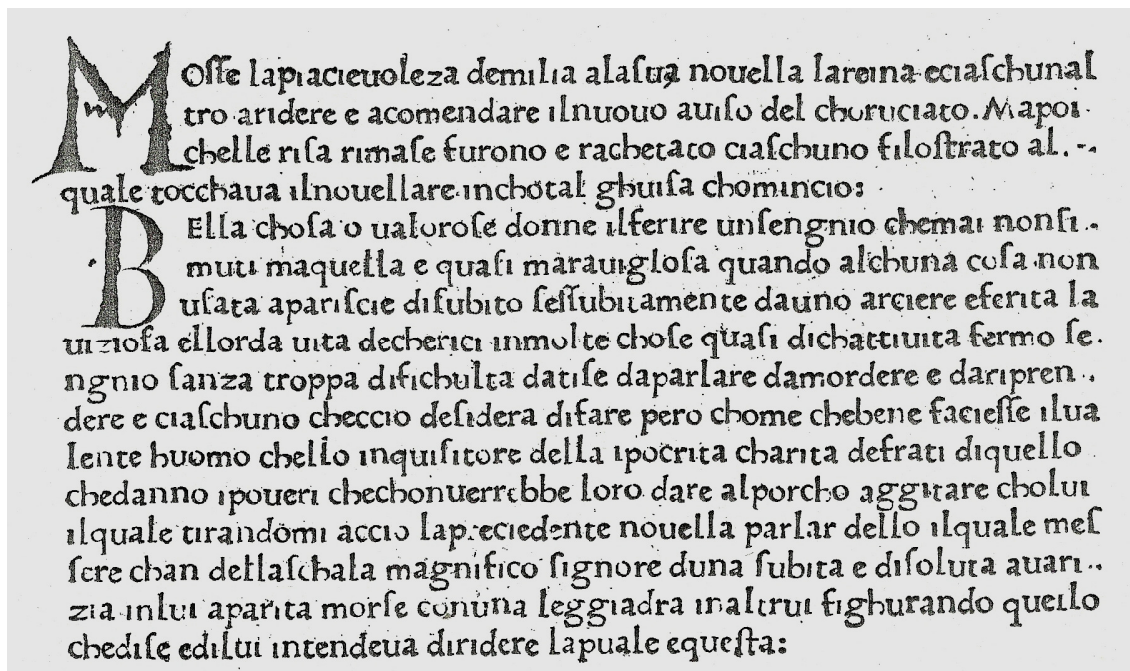
³⁴ Giovanni Boccaccio, *Ameto*, Veneza, na oficina de Gabriel Giolito de Ferrara, 1558.

A sobrevivência de Boccaccio pela arte tipográfica

Seria preciso decorrerem 95 anos desde a morte de Giovanni Boccaccio (em 1375) até ao aparecimento em Itália dos primeiros incunábulos com textos de sua autoria, para tal difusão passar a ganhar uma muito maior dinâmica. Aquela que constituiria, seguramente, a obra mais marcante do autor medieval florentino, fora sem dúvida o *Decameron*.

Dáí não subsistirem dúvidas que tenha sido esta compilação de narrativas *modernas*, redigidas em parte em tempo de peste em Florença (e na Europa), que tenha beneficiado de primazia nesta primeira forma de circulação incunabular naquele país. A peste havia ficado, com os corpos de tantos milhares de italianos, simbolicamente *sepultada* no século anterior. E com essa peste continuava a arrastar-se a memória de muitas outras violentas pestes ao longo da História, como a narrada por Lucrecio, autor romano do século I a.C., ocorrida em Atenas, que ele magistralmente tomara por tema no final do poema filosófico *De rerum natura*³⁵.

Deste modo, ocorrendo os começos das actividades tipográficas em Florença e Veneza, foi precisamente na primeira dessas cidades que o designado por impressor do *Terentius* deu à estampa, cerca de 1470-1471, o volume intitulado *Decamerone*.



Um dos fólhos do *Decameron*, pelo impressor de *Terentius*, obra editada em Florença c. de 1470-1471 (por cortesia da BnF)

³⁵ Titus Lucretius Carus (c. 98-55 a.C.). Remete-se para *Lucrece et l'expérience*, edição e estudo por Marcel Conche (docente jubilado da Sorbonne), 1ª edição, Paris: Seghers, 1967; 2ª edição, Villers-sur-Mer: Éditions de Mégare, 1973; 3ª edição, Treffort, 1990; novas edições, Fides, "Noesis", 2003; e Paris: PUF (reimpressão), 2011.

Outros técnicos do sector tentaram então, e decerto em resultado do êxito desta edição, conquistar também os proventos de um relativamente grande número de público. Deram pois à estampa, em várias outras cidades italianas e no mesmo período incunabular, essa mesma obra.

Outros impressores que em Itália se encarregaram de editar então esta obra prima de Boccaccio foram, em Mântua, [Georgius de Augusta et Paulus de Butzbach, para? ou com? Pietro Adamo de' Micheli]³⁶, em 1472; ou em Bolonha, Baldassare Azzoguidi, em 1476. Esta última edição foi de certo modo contemporânea da que ocorreu na Alemanha e em língua alemã, na cidade de Ulm, do mesmo *Decameron*³⁷.

Até ao final desse século XV em Itália, esse empenho dos tipógrafos ali em actividade em difundir em letra de forma aquela obra-mestra de Boccaccio continuou a sua caminhada. Dos múltiplos casos que o ilustram contam-se as edições [em Vicenza], por Johannes de Reno, em 1478; em Veneza, por Giovanni et Gregorio de' Gregori, esta terminada em 20-VI-1492³⁸; e uma outra, na mesma cidade, na oficina de Manfredo Bonelli, concluída tipograficamente em 5-XII-1498, as duas últimas ilustradas com gravuras em madeira³⁹.

No alinhamento ou *linhagem* da circulação editorial incunabular boccacciana em Itália contou-se, em segundo lugar, *La Fiammeta*. Foi na cidade de [Pádua], com efeito, que Bartolomeo Valdezochio e Martinus de Septem Arboribus, imprimiram, em 21-III-1472, essa obra. Algum tempo depois, num período que se considera ser circa 1475-1480, é que o impressor de Antonius de Rosellis, a veio a reimprimir [na Itália do Norte], acompanhada do *De Legitimationibus*.

Algumas outras edições de *La Fiammeta* se sucederam a essa. Tal aconteceu com a publicação feita em [Nápoles, na oficina de Francesco del Tuppo] em 20-IX-1480.

O período do aparecimento da referida edição impressa de *La Fiammeta*, correspondeu, por sinal, ao da impressão, no mesmo país, da *Genealogiae deorum*. Tal ficou a dever-se a [Domenico di Bandino⁴⁰], com *Tabula*, Veneza, Vindelinius de Spira, 1472⁴¹.

³⁶ Seguindo-se os catálogos de incunábulo disponíveis para estas regiões e para esta época, indicam-se em parêntesis rectos quer os nomes de alguns impressores, quando estes não se encontram directamente explicitados nos textos boccaccianos então impressos, quer os nomes de algumas das cidades onde decorreu a impressão de tais obras.

³⁷ Tratou-se, desta feita, de *Das püch In greckisch genant decameron Vñ hundert histori oder neüe fabel in teusche*, na oficina de [Johann Zainer], circa 1476. Os bibliógrafos Baurmeister e Hillard (que temos vindo a seguir) estabelecem, a respeito do tradutor para a língua alemã desta obra de Boccaccio tratar-se de "Arigo [= Heinrich Schlüsselfelder?]. Sobre a identidade do tradutor, cf. J. L. Flood, *Early editions of Arigo's translations of Boccaccio's Decameron*, dans *Book production and letters in the Western European Renaissance. Essays in honour of Conor Faby*, Londres, 1986 (Publications of the Modern Humanities Research Association, 12), pp. 64-68; e Ursula Baurmeister et alii, *Catalogue des Incunables*, t. I, Fasc. 2: B, Boccaccio, Paris: BnF, 1996, pp. 338.

³⁸ V. Branca, *Boccaccio medievale*, nova edição, Florença, 1970, pp. 322-323.

³⁹ *Proveniência Bibliotheca Heideggeriana*.

⁴⁰ Sobre Domenico di Bandino, cf. *Dizionario biografico degli italiani*, t. 5, Roma, 1603, pp. 707-709; e Ursula Baurmeister et alii, edição ant. cit., p. 341.

Quanto à edição em letra de forma do *De Montibus, silvis, fontibus, lacobus, fluminibus, stagnis seu paludibus, de nominibus maris*, separadamente, ela ocorreu em Veneza, em inícios do ano seguinte, mais precisamente nos “Idus Iañ. [13-I]-1473”. Desta feita a impressão esteve a cargo de [Wendelinus de Spira]. Em breve, porém, esta obra passava a ser editada em conjunto com outras do mesmo autor. Veja-se o que sucedeu na edição de *Genealogiae deorum. De Montibus, silvis, fontibus, lacobus, fluminibus, stagnis seu paludibus, de nominibus maris*⁴², por incumbência do já aludido [Domenico di Bandino]), também como Tabula. Tal sucedeu na cidade de Reggio Emilia, na oficina tipográfica de Bartolomeo e Lorenzo Bruschi, em data que se sabe ter sido em “pridie Nonas Octobris [6-X]-1481”⁴³.

O público aderiu, sem dúvida, a esta iniciativa tipográfica em particular. Só tal facto parece justificar que, a poucos anos de distância, as mesmas obras *Genealogiae deorum* e *De Montibus...*⁴⁴ – e seguindo-se o mesmo editor de texto – tenham saído impressas nas cidades de Vicenza, na oficina de Simone Bevilacqua, em 20-XII-1487⁴⁵; em Veneza, na oficina de Boneto Locatello (para Ottaviano Scotto), em data que se conhece, em “Septimo kalendas Martias [23-II]-1494/95”, neste caso em edição ilustrada; bem como, na mesma cidade do Adriático, na oficina de Manfredo Bonelli [e Matteo Capcasa?], no dia “Octauo kalendas Aprilis [25-III]-1497”, estas duas últimas edições sendo ilustradas com gravuras em madeira.

Logo de seguida surgiu uma edição do interessante texto de Boccaccio, *Teseide*. Esta fez-se acompanhar do comentário de Pietro Andrea de Bassi e ocorreu na cidade de Ferrara, por Agostino [Carnerio], em 1475.

O aludido aparecimento em letra de forma do texto boccacciano *Teseide*, foi sucedido, não muitos anos depois, de um outro texto do mesmo autor, *Ameto*. Tratou-se, desta feita, da edição por Lucas Antonius Fortunatus. Roma, [Johannes Schurener?], e tal ocorreu antes de 10 de Agosto de 1478. A mesma obra veio a beneficiar, por sinal, na cidade de Treviso, por Michele Manzolo, de uma nova edição *al decimo de kalende Decembre* [22 de Novembro de 1479].

⁴¹ Sensivelmente neste período, mais concretamente em 1473-1474, ocorreu em Lovain a edição de *Genealogiae deorum, lib. I-XIII* [versão abreviada]. [Lovaina, Johann Veldener, circa 1473-1474]. Veja-se, a este respeito, *Ars impressoria. Entstehung und Entwicklung des Buchdrucks: eine... Festgabe für Severin Corsten...*, Munique, 1986, pp. 123-126; e Usula Baurmeister *et alii*, edição ant. cit., p. 342.

⁴² Esta edição apresenta variantes.

⁴³ Cf. E. H. Wilkins, “The geneology of the editions of the *Genealogia deorum*”, in *Studies on Petrarch and Boccaccio*, Pádua, 1978, pp. 334-348.

⁴⁴ Esta edição, segundo Ursula Baurmeister *et alii*, segue a de Reggio Emilia de 1481, porque o *De Montibus* não contém nem o *De stagnis* nem o *De nominibus maris*. Cf., ainda, E. H. Wilkins, *op. cit.*

⁴⁵ O exemplar depositado na BnF pertenceu a Jean Orcin, mestre do Colégio de Navarre [Collège de Navarre, séc. XVI], onde algumas décadas antes tinha sido um dos docentes mais destacados Diego Lupi, ou seja, o português Diogo Lopes Rebelo, que estudou e editou (também pelo impresso) a obra de João Duns Escoto.

Acerca da obra do mesmo autor, *Ninfale fiesolano*, conhecem-se particularmente duas apreciadas edições incunabulares italianas, sem menção específica do local de edição em cada uma delas. Referimo-nos, primeiramente à ocorrida em [Florença? na oficina de Bartolomeo de' Libri? *non post* 1480]. Existe uma outra, que se verificou em [Roma, na oficina de Sixtus Riessinger et Georgius Teutonicus? (= Georg Herolt?), circa 1482-1483].

Quanto a *Il Filocolo*, identificam-se, aqui, as edições verificadas em Milão, [por Leonhard Pachel et Ulrich Scienzeler, para?] Filippo da Lavagna, 4-II-1478; e a de Nápoles, pelo impressor Sixtus Riessinger, para Francisco del Tuppo, terminada em 8-III-1478, com ilustrações.

Devem mencionar-se, de igual modo, as conhecidas edições de Veneza, na oficina de Filippo di Pietro, que foi terminada em 19-IV-1481; bem como uma outra, realizada na mesma cidade, por Pellegrino Pasquali, e concluída tecnicamente em 2- XII-1488.

Não podem deixar de ser mencionadas, de igual modo, as edições incunabulares de *Il Corbaccio*. Foi o caso das que foram publicadas em Florença, em 1487; e uma outra, ultimada depois de Junho de 1497, ambas na oficina de Bartolomeo de' Libri, sendo a segunda delas ilustrada com gravuras em madeira.

O aludido impressor Bartolomeo de' Libri interessou-se bastante, com efeito, naquela cidade berço do Renascimento, pela impressão e difusão da estética textual boccacciana. A ele se ficou também a dever, com efeito, no último daqueles anos, a impressão de outro texto do mesmo autor pré-renascentista, uma *Epistola a Pino de' Rossi*⁴⁶.

***Do sucesso das edições incunabulares do autor e sua própria biografia:
o aparecimento editorial da Vita di Boccaccio de Hieronymus Squarzafigus***

Muito antes de, em Itália, as obras do autor passarem a desfrutar (ao longo das três últimas décadas do século XV) de uma ampla circulação editorial pelo *impresso*, como se viu, foi chamada também a atenção para a sua própria biografia. Uma das primeiras edições dessa biografia de Giovanni Boccaccio teve lugar cronologicamente, com efeito, logo a seguir ao aparecimento de uma das mais antigas edições incunabulares desse pré-humanista, com o texto do *Decameron*.

E quem poderia, pois, encarregar-se de escrever (e de ter uma relativamente ampla difusão pela arte tipográfica) a vida de um intelectual como Boccaccio, com uma produção tão vasta e variada – desde a poesia, à novela ou à própria Mitologia ou aos relatos de natureza económica e diplomática – dentro da Itália, de modo a não escamotear ou esconder os mais interessantes passos das suas apetências culturais, das suas afinidades e dos seus percursos?

Disso não se poderia encarregar senão um escritor que também tivesse afinidade com a produção literária, inclusive com a poesia. Foi o que sucedeu com outro pré-

⁴⁶ Ursula Baurmeister *et alii*, edição ant. cit., p. 339.

humanista, que tinha também, de facto, alguns interesses culturais comuns com o autor, Hieronymus Squarzaficus.

Os dados em presença apontam que a mais antiga edição (materialmente consultada no âmbito da preparação deste nosso estudo) foi aquela que, acompanhada do texto do *Filocolo*, ocorreu em Milão, na oficina de [Leonhard Pachel e Ulrich Scienzeler, para?] Filippo da Lavagna, tendo sido terminada em 4-II-1478. Outras em breve, porém, se lhe seguiram, a primeira das quais apenas cerca de um mês depois.

Também a acompanhar o *Filocolo*, saiu efectivamente em Nápoles, na oficina de Sixtus Riessinger, para Francisco del Tuppo, em 8-III-1478, esta mesma *Vita di Boccaccio*. Esta edição é ilustrada com algumas gravuras em madeira.

Já em Veneza, por sua vez, a mesma biografia foi também publicada algum tempo depois. Tal ocorreu na oficina tipográfica de Pellegrino Pasquali, tendo os trabalhos sido concluídos para o efeito em 2-XII-1488.

Não restam hoje dúvidas de que este Hieronymus Squarzaficus⁴⁷ tinha, paralelamente a Boccaccio, também um particular interesse na obra de Petrarca. Dois anos depois daquela edição da *Vita*, ele fez publicar, juntamente com outro pré-humanista, Francisco Filelfo (1398-1481) e com a revisão e correcções de Francisco Centone, os *Triumpho*, de Petrarca, abundantemente anotados e ilustrados com cinco gravuras em madeira. Essa edição teve lugar em 1490, em Veneza, na oficina de Petrus de Plasis Cremonensis⁴⁸.

Os leitores de Petrarca seguiram, decerto que com interesse, essa criteriosa edição por aqueles dois autores. E de tal modo foi bem sucedida que, ainda no período incunabular, ela voltou a ser reeditada, desta feita em 1498⁴⁹.

A circulação de Boccaccio em França (a dois ritmos) entre a tradição manuscrita e o impresso

Quanto à circulação da obra de Boccaccio, num contexto diacrónico, em França, como se pode caracterizar essa mesma evolução editorial, nos inícios do período incunabular, naquele país? Ela decorreu primeiramente por via de duas versões autónomas e complementares do *De Casibus...* e, também, do *Decameron*. É sobre essa dupla questão que nos vamos agora deter.

⁴⁷ Vide de J. Allenspach e de G. Frasso o interessante estudo intitulado “Vicende, cultura e scritti di G. Squarzafico, alessandrino”, in *Italia medioevale e humanistica*, XII, 1980, pp. 237-239 e pp. 244-251.

⁴⁸ Esta edição é referenciada por Rhiannon Daniels, in *Boccaccio and the Book. Production and reading in Italy, 1340-1520*, Londres: Modern Humanities Research Association, W. S. Manly & Son Ltd., 2009, p. 114.

⁴⁹ A denotar ainda o sucesso dessa edição anotada dos *Triumpho* por Squarzaficus e por Filelfo, é o facto de, nos inícios do século XVI, respectivamente em 1504 e 1510, essa obra voltar a ser dada de novo à estampa em Itália.

Importa frisar, primeiramente, que um dos obreiros que esteve na base das primeiras edições incunabulares de trabalhos daquele pré-humanista em França, foi precisamente um religioso de nome Laurent Premierfait⁵⁰. A ele se ficou a dever, com efeito, uma primeira tradução do tratado *De casibus virorum illustrium*, sob o título específico *Des cas et ruyne des nobles hommes et femmes*.

Essa primeira tradução do *De casibus...*, por Laurent Premierfait, foi por ele concluída, segundo registos existentes a tal respeito, em 13 de Novembro de 1400⁵¹.

Importa assinalar, por outro lado, a existência de uma segunda tradução deste mesmo tratado – autónoma daquela – realizada pelo mesmo. É hoje sabido, com efeito, que depois de 1405, o Bispo de Chartres, Martin Gouge, encomendou a este mesmo intelectual uma nova tradução do *De casibus...*, que foi terminada, por sua vez, já em 15 de Abril de 1409⁵² e dedicada ao Duque Jean de Berry. Nessa dedicatória este tradutor identifica-se na qualidade dupla de “clérigo e vosso digno secretário”.

É conhecida, por outro lado, e também da pena do mesmo Premierfait, uma versão em francês do *Decameron*. Recorde-se assim que – depois de esse clérigo ter entrado, em Outubro 1410, ao serviço de Charles Bureau de la Rivière, Conde de Damartin-en-Goële, Conselheiro e Chanceler do Rei de França – ele mesmo voltou a trabalhar nos textos de Boccaccio. Ele passou a traduzir, com início de Maio de 1411 e ocupando-se dessa actividade ao longo de três anos, da versão do *Decameron* para a língua francesa.

Também esta não foi para Premierfait, decerto, uma tarefa fácil. Como ele não dominava suficientemente a língua italiana, seguiu, para o efeito, o texto da versão da responsabilidade do franciscano Antonio d'Arezzo, que havia traduzido primeiramente o texto daquela obra de Boccaccio para o latim. Essa versão específica daquela outra obra do autor por este clérigo francês – que se destacou ainda como tradutor de Cícero⁵³ e notável poeta⁵⁴ – foi concluída em 14 de Junho de 1414, e como reconhecimento, ele a dedicou, uma vez mais, ao referido Duque de Berry⁵⁵.

⁵⁰ Tratou-se, efectivamente, de Laurent de Premierfait – também por vezes referenciado como Laurentius Campanus ou Laurentius Trecensis – que tendo nascido na localidade de Prémierfait, a cerca de duas dezenas de quilómetros a norte da cidade francesa de Troyes, veio a falecer em Paris em 1418.

⁵¹ Cf. C. Bozzolo, *Manuscrits des traductions françaises d'oeuvres de Boccace, XV^e siècle*, Pádua, 1973, pp. 8, 15-16.

⁵² Cf. C. Bozzolo, estudo ant. cit. Segundo o *explicit*, revelam Ursula Baurmeister e Denise Hillard, a presente edição segue provavelmente um manuscrito que apresenta, no cólofon, a menção de “Páscoa 1409” e não “por volta da Páscoa, c. 1409”.

⁵³ Cícero, *Livre de vieillesse*, em tradução por Laurent de Premierfait, numa edição crítica por Stefania Marzano, Brepols, Turhout, 2009.

⁵⁴ Gilbert Ouy (editor), “Poèmes retrouvés de Laurent de Premierfait: un poète engagé au début du XV^e siècle”, in Carla Bozzolo et Ezio Ornato (direcção de), *Préludes à la Renaissance, aspects de la vie intellectuelle en France au XV^e siècle*, Paris, 1992, pp. 207-241. Por sua vez o italiano Antonio Loschi (1368-1441) referencia Laurent de Premierfait como “o primeiro poeta da Gália e restaurador da poesia nesta região”. Remete-se para o trabalho de Francesco Picco, “Une

A técnica tipográfica em França e o contributo para a difusão de Boccaccio naquele país

Com a chegada da arte tipográfica a França, ela foi logo posta ao serviço pelos mais aclamados eruditos e docentes, ao serviço de uma prestigiada instituição como a Sorbonne. E sendo hoje bem conhecidos os primeiros incunábulos saídos naquele país, também não poderá causar estranheza que, entre eles, se tenham incluído, precisamente, obras de Boccaccio⁵⁶.

Tal resultava, em particular, dos prodigiosos esforços, décadas antes, do referido Laurent de Premierfait. Entre esses primeiros esforços tipográficos contaram-se, primeiramente, as edições das obras de Boccaccio *De Claris mulieribus* e *De Casibus virorum illustrium*.

Seguindo uma ordem cronológica, quanto à primeira dessas obras, podem-se identificar edições incunabulares francesas como do *De Claris mulieribus*, um incunábulo da responsabilidade técnica de Johann Zainer, precisamente de 1473⁵⁷; o *De Claris mulieribus* [Estrasburgo, Georg Husner, circa 1474-1475⁵⁸]; e [*De Claris mulieribus*, em francês:] *De la louge et vertu des nobles et cleres dames*. Paris: Antoine Vérard, 28 de Abril de 1493, edição esta também ilustrada.

Quanto à segunda das referidas obras, identificam-se aqui, ainda para aquele país, as edições de [*De Casibus virorum illustrium*, em francês:] *De la ruyne des nobles hommes et femmes*. Lyon: Mathias Huss e Johannes Schabeler, 1483; bem como o [*De Casibus virorum illustrium*, também em francês:] *Des cas et ruyne des nobles hommes et fem-*

épître inédite d'Antonio Loschi à Laurent de Premierfait», in *Revue des études italiennes*, XIV, 1933, pp. 241-253.

⁵⁵ Remetemos, no essencial, para *Decameron*, na tradução por Laurent de Premierfait, edição de Giuseppe di Stefano Montréal, CERES (Bibliothèque du Moyen Âge), 1998; e para *Des cas des nobles hommes et femmes*, (apenas o Livro I), na tradução por Laurent de Premierfait, numa edição por Patricia Gathercole, Chapel Hill, University of North Carolina Press, 1968. Vejam-se, ainda, o criterioso estudo de Carla Bozzolo, *Un traducteur et un humaniste de l'époque de Charles VI, Laurent de Premierfait*, Paris, Publications de la Sorbonne, 2004; ou o de Anne D. Hedeman, *Translating the Past: Laurent de Premierfait and Boccaccio's 'De casibus'*, Los Angeles, J. Paul Getty Museum, 2008. Segundo Franco Simone, por sua vez, numa comunicação à "Society for French Studies", de Oxford, em 24 de Março de 1970, Laurent de Premierfait, pelas suas traduções, soube bem aclimatar as obras de Boccaccio à França da época, fazendo dele um "moralista francês".

⁵⁶ *Catalogue des Incunables* (CIBN), tomo 1, fascículo 2: B, Paris, Bibliothèque nationale de France, 1996, pp. 333-334, n.ºs. B-505-552. As descrições destas edições incunabulares depositadas na BnF – de uma forma sucinta – são da responsabilidade de Ursula Baurmeister e Denise Hillard com o apoio, ainda, de Marie-Madeleine Saby. Seguimos, adiante, também algumas das descrições, em pormenor, dessas duas bibliotecárias e conservadoras.

⁵⁷ Constate-se, com efeito, a existência, na BnF, deste preciso incunábulo (produzido tipograficamente por Johann Zainer, como acima referimos), desse ano de 1473.

⁵⁸ Em 1487, por sua vez, a mesma obra veio a ser impressa em Lovaina.

mes⁵⁹. Tratou-se também, em ambos os casos, da tradução de Laurent de Premierfait. Paris, Jean du Pré, 26 de Fevereiro de 1483/84, continuando uma tradição tipográfica textual boccacciana então recente, que provinha da vizinha cidade flamenga de Bruges⁶⁰.

Apenas alguns anos depois, com efeito, veio a ocorrer, de igual modo na capital francesa, a obra [*De Casibus virorum illustrium*, em francês:] *Boccace des nobles maleureux*. Trata-se, neste caso, da segunda tradução desta obra feita por Laurent de Premierfait, Paris, [Guy Marchant? para] Antoine Vérard. Os trabalhos tipográficos, neste caso, foram concluídos em 4 de Novembro de 1494.

Nessa mesma perspectiva de cronologia tipográfica, só depois de terem ocorrido as aludidas edições francesas das obras de Boccaccio *De Claris mulieribus* e *De Casibus virorum illustrium* é que surgiu no mesmo país o *Decameron*.

Tal verificou-se através da edição intitulada *Le livre Decameron*. Paris, [na oficina tipográfica de Jean Du Pré et Antoine Caillaut] para Antoine Vérard, 22-XI-1485. Tratando-se neste caso de uma edição ilustrada, seguiu-se neste caso, para o efeito, a versão do texto em francês preparada por Laurent de Premierfait. Este acompanhou de perto, para esse efeito, a tradução latina de Antonio d'Arezzo, modificada por A. Vérard.

Exceptuou-se a última novela, que é uma tradução anónima feita sobre a tradução latina da *Historia Griseldis* de Petrarca⁶¹. No domínio da ilustração, registre-se que constou dessa edição um retrato de Boccaccio por Peter de Jode segundo Ticiano (1488/90-1576, portato posterior ao de Andrea del Catagno), gravado por A. Bon-Enfant.

Tudo parece indicar que os leitores franceses apreciaram, desde então, na sua língua, o conteúdo destas novelas boccaccianas. Por volta do fim do século, ou eventualmente no começo do seguinte, foi de novo impressa esta mesma obra (quando a tradição manuscrita das cópias dos principais textos de Boccaccio continuava a ser uma realidade também naquele país⁶²). Resultou, dessa feita, a edição *Bocacce des cent nouvelles*. Tratava-se uma vez mais da versão de Laurent de Premierfait. Paris, para Antoine Vérard [inter X-1499 et 30-V-1503].

⁵⁹ Remete-se para Bozzolo, estudo ant. cit.

⁶⁰ [*De Casibus virorum illustrium*, em francês:] *De la Ruine des nobles hommes et femmes*, na tradução de Laurent de Premierfait. Bruges : Colard Mansion, 1476.

⁶¹ Cf. C. Bozzolo, *op. cit.*, p. 27; e B. Woledge, *Bibliographie des romans et nouvelles en prose française antérieurs à 1500. Supplément, 1954-1973*, Genève, 1975, n.º. 97.

⁶² Registrem-se em síntese (e diversos outros casos haveria a apontar neste contexto das cópias, na tradução manuscrita boccacciana em França), códices existentes na Bibliothèque nationale de France como o *Decameron*, Ms. Ital., n.º. 63, em cujo f.º 304 v.º, se pode constatar a bela iluminura das damas de Florença já fora das muralhas daquela cidade, de onde tinham fugido face à peste que em 1348 assolou aquela cidade; ou um códice Ms. com o *De Casibus...*, em versão versão francesa (também da BnF), onde pudemos apreciar o belo f.º referente ao caso de Polícrates de Samos e o seu maravilhoso anel, engolido por um peixe.

Não restam dúvidas que o impressor parisiense Vêrard procurava acompanhar as modas editoriais da época⁶³. Uma situação que o comprova é o ter mandado fazer, em 1498-1499, uma (outra) edição ilustrada, recorrendo ao texto também em língua francesa, de outro apreciado texto de Boccaccio, [*Genealogiae deorum*, em francês] *Bocacce de la genealogie des dieux*. Paris, “para Antoine Vêrard”, 9-II-1498/99.

Estas edições podem testemunhar, com efeito, de uma primeira amplitude histórica da circulação de obras de Boccaccio em França, num tempo diacrónico, ou seja, mais de 120 anos após a sua morte.

Seção III: A circulação de Boccaccio em Castela (e na Catalunha)

E quanto à Península Ibérica? Em que moldes se processou (também num tempo diacrónico) a primeira circulação das principais obras de Boccaccio em letra de forma em fins do século XV? À semelhança da França, essa acção difusora principiou, em espanhol, a partir da obra *De Claris mulieribus* e foi continuada, depois, pela versão de *De Casibus virorum illustrium*. E estaremos em crer que exemplares das edições (que iremos referenciar) terão tido também a sua recepção em Portugal em meios aristocráticos.

A circulação manuscrita dos textos boccaccianos na península (antes da chegada da imprensa)

O estudo da recepção de Boccaccio em meios peninsulares, sabe-se hoje que passou a ser uma realidade na Catalunha, se não antes, pelo menos na década de oitenta. Tal ocorreu, portanto, antes da chegada da imprensa com caracteres móveis à Península Ibérica, numa iniciativa de reputados técnicos alemães.

Torna-se necessário, para isso, conhecer um pouco melhor alguns aspectos particulares da recepção na Catalunha, por parte de Bernard Metge (1340-1413), de textos literários de Boccaccio, presumivelmente em meados desses aos oitenta do século XIV e da sua vontade explícita em os traduzir.

Efectivamente chegou à mão de Metge, por esse período, uma cópia manuscrita da novela de Boccaccio, *Walter* [ou *Gualtieri*⁶⁴] e *Griselda*, com que termina, recorde-se, o *Decameron*. Tratava-se, com efeito, de uma cópia, não da versão original em italia-

⁶³ Antoine Vêrard esteve activo em Paris entre 1485 e c. 1513. De tal modo foi destacada a sua acção como impressor que, em 1507, Luís XII o nomeou como “livreiro do rei”. Veja-se “Antoine Vêrard” in *Dictionnaire des Grands Noms de la Chose Imprimée*, por Jean-Claude Fadouas, Paris : Éditions Retz, 1991, pp. 165-166.

⁶⁴ Urbano Tavares Rodrigues, ao verter no século XX (na íntegra) o *Decameron* para a língua portuguesa, a partir do italiano, estamos em crer, intitulou essa décima novela ou conto como “Uma felicidade difícil” e optou por traduzir o nome do personagem masculino como Gualtieri e não como Walter, como haviam feito vários outros intérpretes.

no, mas da versão em latim estabelecida pela esclarecida pena de Francesco Petrarca (à qual atrás, aliás, já fizemos alusão).

É conhecida, efectivamente, a versão que Bernard Metge estabeleceu, em 1388, dessa novela específica, *Historia de Walter e de la pacient Griselda* e da carta com que ele fez acompanhar essa sua tradução, precisamente de 1388⁶⁵. Esse texto literário – que data apenas de uma dúzia de anos após a morte de Boccaccio – poderá constituir, também, uma das mais antigas mostras em Espanha da admiração de Petrarca por um autor peninsular⁶⁶, constituindo, com *Lo Somni*⁶⁷, um dos documentos mais curiosos acerca, por um lado, da estética e, por outro lado, da própria vida⁶⁸ (e interesses culturais) desse literato catalão medieval.

Não muito distante do tempo daquela versão boccacciana por Metge, na Catalunha, foi feita em Castela a versão manuscrita de uma primeira parte do *De Casibus...*, do mesmo autor italiano. Tal sucedeu quando o Chanceler Diogo Lopez de Ayala (1332-1407, nascido, portanto, apenas c. de duas décadas depois do grande autor florentino), trasladou para a língua daquele país os primeiro oito capítulos daquela referida obra⁶⁹.

Desconhece-se, em abono da verdade, o período específico em que o Chanceler Ayala procedeu a esse traslado. Não andaremos muito longe da verdade se deixarmos aqui a hipótese de tal ter sucedido pouco depois da sua participação (e derrota do seu país) na Batalha de Aljubarrota, bem como da sua conseqüente prisão nos castelos de Ourém e de Óbidos, do último dos quais terá sido libertado apenas cerca de 1388-1389⁷⁰.

Confirmando-se esta nossa hipótese quanto a uma hipotética datação desse seu traslado boccacciano, distarão assim, pelo menos, três décadas a três décadas e meia

⁶⁵ *Historia de Valter e Griselda, Arromançada por Bernat Metger* (publicada com *Lo Somni*), edição de 1891. Veja-se, por outro lado, o estudo de R. Morabito, “La diffusione della storia di *Griselda* dal XV al XX”, in *Studi sul Boccaccio*, XVII, 1988, pp. 237-285.

⁶⁶ Veja-se, de Carlo Dionisotti, “Fortuna del Petrarca nel Quattrocento”, in *Italia Medioevale e Umanistica*, Pádua: Editrice Antenore, 1974; bem como o trabalho de Maria Pilar Manero Sorolla, *Introducción al Estudio del Petrarquismo en España*, Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, 1987 (em particular in p. 34); e *Imágenes Petrarquistas en la Lírica Española del Renacimiento. Repertorio*, mesma cidade e editora, 1990.

⁶⁷ Bernat Metge, *Lo Somni*, edição de A. Vilanova, Barcelona: CSIC, 1946.

⁶⁸ Ponha-se em relevo que Bernat Metge em 2 de Maio de 1379 – portanto cerca de uma década antes de fazer tal tradução do texto de Boccaccio – havia contraído o seu primeiro matrimónio com Elália Vivó (de quem teve um filho). Esta, porém, acabaria por falecer pouco depois dessa produção textual, mais concretamente em Outubro de 1390.

⁶⁹ Como veremos adiante esta versão parcelar será depois continuada, por parte de um outro aristocrata e erudito, Juan Afonso de Zamora.

⁷⁰ Remetemos, num âmbito geral sobre a vida e acção intelectual deste aristocrata, para a obra do setecentista Rafael de Floranes, *Vida literaria del canceller D. Pedro López de Ayala, copilada de la ‘Colección de Documentos ineditos para la Historia de España’*, XIX e XX, Madrid, Imprenta de la Viuda de Galero.

entre o fim dessa sua leitura interpretativa do *De Casibus...* (nos seus oito primeiros capítulos, como atrás referimos) e a conclusão do traslado dos restantes capítulos do mesmo tratado boccacciano, nunca antes de 1422, pelo já referido nobre castelhano, Juan Alfonso de Zamora⁷¹.

Ainda no âmbito de textos de Boccaccio em código (em manuscrito, já se vê), que circularam na Península Ibérica entre o último quartel do século XIV e o advento do impresso nesta mesma região quase nos fins do séc. seguinte, os investigadores têm-se debruçado sobre que obra do genial autor italiano integrou a biblioteca do Condestável D. Pedro (1429-1466), no nordeste da península, então com pretensões ao Condado da Catalunha.

Tal sucedeu depois de 1463 e antes da sua morte, três anos depois, em 29 de Junho, na localidade de Granollers. Sabe-se, pelo rol da sua livraria, que ele detinha nessa valiosa colecção “un libre a forma de full script en pergami e en vulgar castella o portugues, appellat *Ioan bocaci*”⁷².

Ainda se vivia, então, a mais de uma dezena de anos antes do período da introdução da imprensa nas Espanhas. Em um nosso trabalho anterior, porém, já formulámos um conjunto de questões que cremos, na sua pertinência, poderão permitir ajuizar-se sobre de que cópia manuscrita de uma obra de Boccaccio, em castelhano, se poderia tratar nesse período específico⁷³.

Obras boccaccianas na Catalunha e em Castela desde 1474, após o advento na Península da nova era do impresso

Entretanto o ano de 1474 (quase um século depois de Bernad Metge, na Catalunha, ter traduzido a última das novelas do *Decameron*, como se viu) assinalou uma nova época. Tratou-se, desta feita, da passagem a letra de forma de trabalhos de Boccaccio na Península Ibérica.

Tal sucedeu quando na cidade de Valência, naquele ano, o impressor Lambertus Palmart⁷⁴ decidiu imprimir a novela de Boccaccio, *Guiscardo e Segismunda*, a partir

⁷¹ Este facto encontra-se também sucintamente apreciado no nosso recente trabalho “Apontamentos para a circulação de Boccaccio em Portugal nos séculos XV e XVI: entre a tradução do manuscrito e a inovação do impresso”, estudo apresentado à Universidade de Coimbra, por ocasião da passagem do VII centenário do nascimento do autor de Fiameta.

⁷² Sousa Viterbo, *A literatura hespanhola em Portugal*, p. 216.

⁷³ Cfr. O nosso estudo “Apontamentos para a circulação de Boccaccio em Portugal nos séculos XV e XVI: entre a tradução do manuscrito e a inovação do impresso”, a que já fizemos referência em nota.

⁷⁴ A imprensa em Castela ainda era recente. Na cidade de Segóvia a actividade tipográfica tinha sido iniciada no ano anterior, pelas mãos de Juan Parix de Heidelberga. Quanto a Valência, trabalharam nessa cidade em tal período, com Lambert Palmart, outros impressores como Nicolás Spindeler ou Juan Rosembach. Tinham-se deslocado para aquela urbe a convite de Jacob Vizlant, que era representante de uma sociedade comercial de Ravensburgo, na Alemanha. Veja-se, ainda, Seminário Internacional *La recepción de Boccaccio en España*, Madrid, Universi-

da tradução latina feita em Itália por esse apreciado discípulo de Petrarca, Leonardo Bruni, Aretino (1369-1444). Intitulou-se essa edição, precisamente, *De duobus amantibus*⁷⁵ *Guiscardi et Segismundae*.

Decorreram curiosamente duas décadas até que viesse a ser impressa em Castela uma nova obra de Boccaccio, e uma vez mais em tradução para a língua daquele país. Tratou-se, então, da versão, a partir do *De Claris mulieribus*, intitulada *Las claras, excelentes y mas famosas damas*. Esta edição ocorreu na cidade de Saragoza, tendo o impressor Pablo Hurus⁷⁶ concluído os trabalhos tipográficos, para o efeito, em 24 de Dezembro de 1494.

Esse livro saiu ricamente ilustrado, tendo o impressor recorrido a algumas das gravuras em madeira utilizadas na edição da mesma obra (ocorrida algum tempo atrás), na cidade de Ulm, na Alemanha. Neste caso castelhano, as gravuras em madeira foram da responsabilidade técnica de Anton Sorg, com c. de sete excepções: três delas (as representações de Ysiphila, Tulia et Busa) não foram reutilizadas; quatro outras (as de Luna, Didon, Artemisia e da Papisa Joana) foram muito provavelmente copiadas de uma edição da mesma obra, neste caso da responsabilidade do já referido Johann Zainer⁷⁷.

Esta edição (tal como a original manuscrita produzida por Boccaccio em Itália), conta, em 103 capítulos, a história “dos grandes e mais esclarecidos feitos” de outras tantas mulheres. Um conjunto de 76 destas histórias, segundo Juan Carrete Parrondo, encontram-se ilustradas. Cada uma delas apresenta uma estampa na qual se recolhe a acção virtuosa, ou na qual se patenteia o vício de cada biografada. E Boccaccio, como autor, não deixa de *enaltecer* ou *reprender*, quer se trate de virtudes ou de defeitos.

Carrete Parrondo individualiza a ilustração específica de uma dessas histórias desta edição incunabular castelhana, a de Hipermestra, que foi filha do rei Danao⁷⁸.

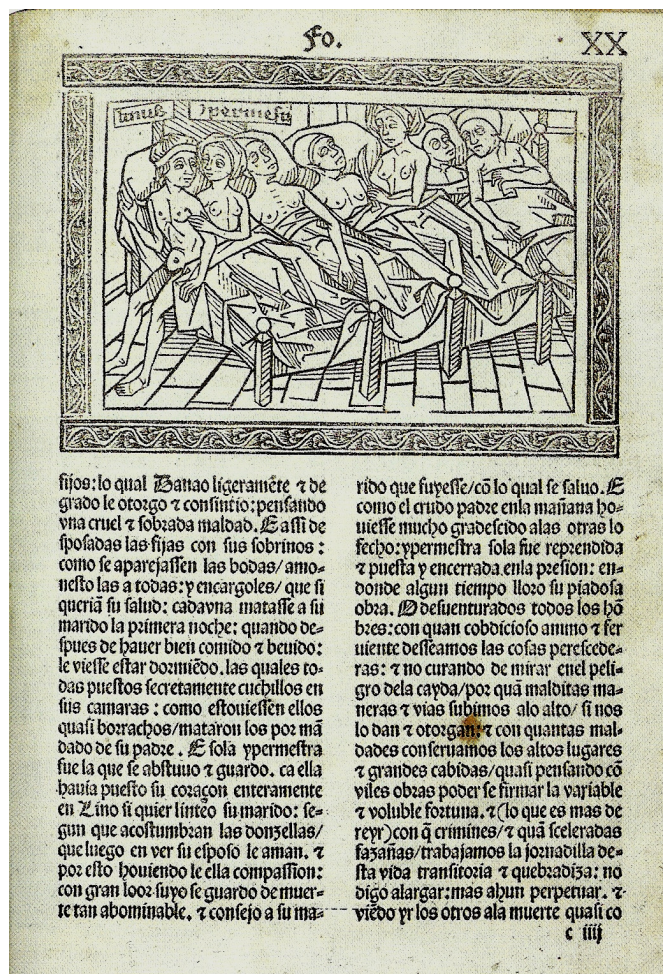
dade Complutense, com as respectivas Actas editadas in *Cadernos de Filologia Italiana*, nº extraordinário, 2001; e, em particular neste volume, o estudo de Marcos Martínez, “Boccaccio y su entorno en relación con las Islas Canarias”, edição *ant. cit.*, pp. 95-118.

⁷⁵ Esta expressão “de duobus amantibus” tinha sido cristalizada no título da imortal obra de Eneas Silvío Piccolomini (1405-1464), a qual em 2004 veio a beneficiar de uma edição, em que a tradução do latim para a língua portuguesa foi assegurada por Arnaldo do Espírito Santo.

⁷⁶ Este impressor era natural de Constanza. Ele havia já estado activo em Barcelona em 1475 (altura em que ali trabalhou com Juan de Saltzburgo, na edição da obra de Perottus, *Rudimenta Grammaticae*). Veja-se, ainda, de Talita Janine Juliani, a sua dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Campinas, sob o tema *Sobre as Mulheres Famosas (1361-1362) de Giovanni Boccaccio*, Campinas, 2011.

⁷⁷ Ursula Baurmeister *et alii*, edição *ant. cit.* (CI, I-2., BnF, 1996), p. 336.

⁷⁸ Juan Carrete Parrondo, “La ilustración de los libros. Siglos XV al XVIII”, in *De los Incunables al siglo XVIII*, dir.º. de Hipólito Escolar, Madrid, Fundación German Sanchez Ruiperez, 1994, pp-271-359, em particular in pp. 295-296.



Um das folhas ilustradas da edição de Saragoça, de 1494, com a obra de Boccaccio, *Mujeres illustres = Las mas famosas damas*

Aquele monarca, com efeito, tinha cinquenta filhas que ele havia casado com igual número de sobrinhos para que, na noite de núpcias, todos ele viessem a ser mortos. Nesta gravura mostra-se, precisamente, o momento em que as irmãs de Hipermestra matam os maridos. Ela foi a única que tinha posto o seu coração unicamente em Lino, seu esposo e, desobedecendo às ordens do pai, aconselha o seu amado a fugir, salvando-lhe desta forma a vida⁷⁹.

A beleza técnica destas gravuras da referida edição incunabular boccacciana de Saragoça patenteia, aliás, o elevado nível técnico da ilustração ao serviço do livro impresso com caracteres móveis naquele período. Por outro lado, em termos de técnica tipográfica, a qualidade tipométrica foi conhecendo sucessivos avanços na Península Ibérica (e na Europa) nessas últimas décadas do século XV. A qualidade de alguns desses mesmos livros com as edições de Boccaccio (quer os quatrocentistas ou incunabula-

⁷⁹ Juan Carrete Parrondo, estudo ant. cit., p. 296.

res quer os quinhentistas)⁸⁰, também resultou muito, de facto, das formas estéticas que muitos dos seus ilustradores e impressores lhes deram.

Curiosamente apenas um ano depois da edição da referida colecção de textos sobre aquelas *Mujeres illustres*, foi a vez de se editar, também em língua castelhana, uma obra de Boccaccio, em afinidade com aquela. Tratou-se, neste caso do *De Casibus virorum illustrium*, na tradução integral de Pedro Lopez de Ayala e (em continuidade) de Juan Alfonso de Zamora, intitulada agora *Cayda de principes*.

Esta edição ocorria, agora, na cidade de Sevilha. Os impressores foram Meinhard Ungut e Stanislaus Polonus, tendo os trabalhos tipográficos sido aí concluídos em 29 de Dezembro de 1495.

Pelos dados apresentados no cólofon da edição desta mesma obra (utilizando-se ainda, na sua primeira parte, o texto do traslado de Pedro Lopez de Ayala⁸¹ até cerca de metade do capítulo oitavo) – e produzida tipograficamente na cidade de Toledo e concluída em 18 de Setembro de 1511 – tornou-se possível apurar a data em que o continuador deste traslado de *Cayada de Principes*, Juan Alfonso de Zamora, desenvolveu a continuidade dessa mesma tradução interrompida c. de três décadas antes até a concluir, durante uma embaixada em que participou. Tal ocorreu, com efeito, em 30 de Setembro de 1422⁸².

Neste período, por outro lado, já era comum, sobretudo em meios aristocráticos, a recepção de obras de Boccaccio em Portugal.

Algumas conclusões

No âmbito da História da Edição, a circulação e recepção dos principais textos de Boccaccio na Europa, desde o século XIV em que o autor viveu, até fins do século XV, pode ser perspectivada primeiramente a um nível sincrónico e, algum tempo depois, a um nível diacrónico.

No primeiro desses contextos, o próprio autor ainda pôde acompanhar os ritmos de progressão de tais obras, na viagem aberta entre o criador e os seus leitores. Tal ocorreu naturalmente, de uma forma privilegiada, dentro dos espaços (políticos e culturais) que constituem a Itália actual.

Foram múltiplas as viagens efectuadas por este intelectual pela Europa, na sua qualidade de agente cultural e de diplomata. Assim, ele também pôde ir percepcio-

⁸⁰ No Centro de Estudos de História do Livro e da Edição – CEHLE, em Lisboa, temos indo, ao longo das três últimas dezenas de anos, a reunir algumas dessas belas edições boccaccianas quinhentistas peninsulares do séc. XVI.

⁸¹ A participação de Ayala, recorde-se (como se regista no cólofon da edição toledana da mesma obra de 1511, a que voltaremos adiante) decorreu “até metade do capítulo [oitavo] que fala do rei Artur de Inglaterra ... & de mordrete su fijo”. Veja-se F. J. Norton, *A Descriptive Catalogue of Printing in Spain and Portugal, 1501-1520*, Cambridge University Press, 1978, p. 385.

⁸² F. J. Norton, edição ant. cit., p. 385 (aludindo também a este passo Joaquim de Carvalho, in *Estudos de Cultura Portuguesa no século XV*, Coimbra, Imprensa da Universidade).

nando algumas formas de como esse seu trabalho foi sendo recebido, quer por parte de amigos e contemporâneos, como Petrarca ou Leonardo Bruni, Aretino, quer por parte de muitas outras figuras com quem privou.

Nessas modalidades de partilha, Boccaccio pôde transmitir o sentido literal das suas obras, na construção das suas vivências, numa introspecção – tal afirmação tipo *legislativo* e hiperbólico – do próprio mundo. Tratava-se, afinal, do mundo que ele mesmo foi construindo, pelos seus trabalhos literários (dentro e fora de si).

Ao que Sapegno e V. Branca sabiamente estabeleceram, Boccaccio foi, seguramente, nos seus pressupostos de escrita essenciais, um autor *medieval*. Não deixam, no entanto, de se vislumbrar já em alguns dos seus textos, em particular em alguns aspectos específicos do *Decameron*, a abertura de novos horizontes, que conduziram inequivocamente à pré-modernidade e ao pré-Renascimento.

DOCUMENTO I

Cronograma da produção das obras de Giovanni Boccaccio entre 1336 e c. 1375

A partir dos mais credenciados estudiosos internacionais da obra de Giovanni Boccaccio, entre os quais se contam Natalino Sapegno⁸³, Giuseppe Toffanin⁸⁴ ou Vittore Branca⁸⁵, é hoje possível estabelecer um cronograma das principais obras produzidas por esse autor medieval, entre 1336 e c. 1375, ou seja, até praticamente à sua morte. Esta é por nós aqui organizada em três grandes períodos: *Da prescrutação do ser sensível*; *Da fidelização a Petrarca como Mestre* (mas também certo retrocesso); e *Da afirmação dos talentos pela virtude* (evocando figuras ilustres).

I-Da prescrutação do ser sensível (ou o despertar para as letras no período napolitano)

1336 *Filocolo*
1337-1339? *Philostrato*

II- Da fidelização a Petrarca como Mestre (mas também um certo retrocesso)

1341-1342 *Ninfale d'Ameto ou Commedia delle Ninfe fiorentine*
1342-1343? *Amorosa Visione* [cinco Triunfos (tendo colhido inspiração nos *Triumphs*, de Petrarca), *Da Sabedoria*; *Da Riqueza*; *do Amor*; e *Da Fortuna*]

III- Da afirmação dos talentos pela virtude (evocando figuras ilustres)

ant. 1343 *Elegia di Madonna Fiammeta*
1343-1346 *Ninfale Fiesolano* (variações livres das *Metamorfoses* de Ovídio)

⁸³ Natalino Sapegno, *Il Trecento, 'Storia Letteraria d'Italia'*, Milão: Vallardi, 1934.

⁸⁴ Giuseppe Toffanin, *Storia dell'Umanesimo dal XIII al XVI secolo*, 3 ed. revista, Bolonha, 1943.

⁸⁵ Vittore Branca, *Giovanni Boccaccio, apud 'Orientamenti Culturale' – Letteratura Italiana – I Maggiore*, I, Carlo Mazorati Editore, Milão, 1956. Apoiamo-nos, neste âmbito, ainda em José V. de Pina Martins, 2 “[Boccacce] – Les oeuvres principales”, in *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal. Les Deux Regards de Janus*, edição ant. cit., tomo I (Lisboa-Paris, 1989), pp. 215-226.

- após c. 1348 *Decameron*
c. 1355 *Corbaccio. Laberinto d'amore*
c. 1350-1375 *Genealogia deorum gentilium*
c. 1351-1366 *Bucolicon Carmen*
1356-1374 *De casibus virorum illustrium*
1366-c. 1374 *De claris mulieribus*
c. 1350-1375 *Genealogia deorum gentilium*
c. 1362-c. 1366 *De Montibus, silvis, lacubus, fluminibus, stagnis seu paludibus, de nominibus maris*
1373-1374 *Tratatello in laude di Dante.*

DOCUMENTO II

II-1. Incunábulos de Boccaccio na Biblioteca Nacional de França⁸⁶

- *Ameto*. Edição por Lucas Antonius Fortunatus. Roma, [Johannes Schurener?, ante 10 -VIII]-1478. 4º.
BNF inc. B-505.
- *Ameto*. Treviso, Michele Manzolo, al decimo de kalende Decembre [22- XI] -1479. 4º.
BNF inc. B-506.
- *De Casibus virorum illustrium*. [Estrasburgo, Georg Husner, circa 1474-1475.] 2º.
BNF inc. B-507.
- [*De Casibus virorum illustrium*. Em espanhol:] *Cayda de principes*. Tradução por Pedro Lopez de Ayala e Alfonso Garcia de Santa Maria por instigação de Juan Alfonso de Zamora. Sevilla, Meinhard Ungut et Stanislaus Polonus, 29 XII 1495. 2º., ill.
BNF inc. B-508.
- [*De Casibus virorum illustrium*. Em francês:] *De la Ruine des nobles hommes et femmes*. Tradução por Laurent de Premierfait. Bruges, Colard Mansion, 1476, 2º.
BNF inc. B-509.
- [*De Casibus virorum illustrium*. Em francês:] *Des cas et ruyne des nobles hommes et femmes*. Tradução por Laurent de Premierfait. Paris, Jean Du Pré, 26 II 1483/84, 2º., ill.
BNF inc. B-510.
- [*De Casibus virorum illustrium*. Em francês:] *De la ruyne des nobles hommes et femmes*. Tradução por Laurent de Premierfait. Lyon, Mathias Huss e Johannes Schabeler, 1483. 2º., ill.
BNF inc. B-511.

⁸⁶ *Catalogue des Incunables* (CIBN), Tomo 1, Fasc. 2: B, Paris, Bibliothèque nationale de France, 1996, pp. 333-334, n.ºs B-505--552. As notícias destes incunábulos depositados na BnF foram redigidos por Ursula Baurmeister e Denise Hillard com a colaboração de Marie-Madeleine Saaby.

- **[De Casibus virorum illustrium. Em francês:]** *Boccace des nobles maleureux*. Tradução por Laurent de Premierfait, Paris, [Guy Marchant? para] Antoine Vérard, 4- -XI-1494. 2º., ill. BNF inc. B-512.
- *De Claris mulieribus*, Johann Zainer, 1473. 2º, ill. BNF inc. B-513.
- *De Claris mulieribus*. [Estrasburgo, Georg Husner, circa 1474-1475.] 2º. BNF inc. B-514.
- *De Claris mulieribus*. Lovaina, Aegidius van der Heerstraeten, 1487. 2º, ill. BNF inc. B-516.
- **[De Claris mulieribus. Em alemão:]** *Der kurz syn von ettlichen frauen*. Tradução por Heinrich Steinhöwel. Augsburg, Anton Sorg, An freytag nach sant Valenteins tag [19- II] -1479. 2º ill. BNF inc. B-517.
- **[De Claris mulieribus. Em espanhol:]** *Las claras, excelentes y mas famosas damas*. Zaragoza, Paul Hurus, 24 X 1494. 2º., ill. Gravuras em madeira de Anton Sorg (ver n.º B-517) com cerca de sete exceções: três (Ysiphile, Tulia et Busa) não foram reutilizadas; e quatro outras (Luna, Didon, Artemisia e a da Papisa Joana) foram muito provavelmente copiadas da edição de Johann Zainer (n.º B-516). BNF inc. B-518.
- **[De Claris mulieribus. Em francês:]** *De la louenge et vertu des nobles et cleres dames*. Paris, Antoine Vérard, 28 - IV - 1493. 2º., ill. BNF inc. BNF inc. B-519.
- *Il Corbaccio*. Florença, Bartolomeo de' Libri, 1487. 4º. BNF inc. B-520.
- *Il Corbaccio*. [Florença, Bartolomeo de' Libri, post VI 1497.] 4º, ill. BNF inc. B-521.
- *Decamerone*. [Florença, impressor do *Terentius*, circa 1470-1471]. BNF inc. B-522.
- *Decamerone*. [Veneza,] Christoph Valdarfer, 1471. 2º. BNF inc. B-523.
- *Decamerone*. Mântua, [Georgius de Augusta e Paulus de Butzbach, para ou com?] Pietro Adamo de' Micheli, 1472. 2º. BNF inc. B-524.
- *Decamerone*. Bolonha, Baldassare Azzoguidi, 1476. 2º. BNF inc. B-525.
- *Decamerone*. [Vicenza,] Johannes de Reno, 1478. 2º. BNF inc. B-526.

- *Decamerone*. SQUARZAFICUS (Hieronymous). *Vita di Boccaccio*. Veneza, Giovanni e Gregorio de' Gregori, 20-VI-1492. 2º, ill.
BNF inc. B-527.
- *Decamerone*. SQUARZAFICUS (Hieronymous). *Vita di Boccaccio*. Veneza, Manfredo Bonelli, 5-XII-1498. 2º, ill.
BNF inc. B-528.
- [*Decamerone*. **Em alemão:**] *Das püch In greckisch genant decameron Vñ hundert histori oder neüe fabel in teusche*. Tradução por “Arigo” [= Heinrich Schlüsselfelder?] Ulm [Johann Zainer, circa 1476]. 2º.
BNF inc. B-529.
- [*Decamerone*. **Fr.**] *Le livre de cameron*. Tradução para Laurent de Premierfait. Paris, [Jean Du Pré e Antoine Caillaut] pour Antoine Vérard, 22-XI-1485. 2º, ill.
BNF inc. B-530.
- [*Decamerone*. **Em francês:**] *Bocace des cent nouvelles*. Tradução por Laurent de Premierfait. Paris, para Antoine Vérard [inter X 1499 et 30 V 1503]. 2º, ill.
BNF inc. B-531.
- *Epistola a Pino de' Rossi*. Florença, B[artolomeo de' Libri], 1487. 4º.
BNF inc. B-532.
- *La Fiammetta*. [Pádua,] Bartolomeo Valdezochio e Martinus de Septem Arboribus, 21-III-1472. 4º.
BNF inc. B-533.
- *La Fiammetta*. [Itália do Norte, impressor de Antonius de Rosellis, *De Legitimationibus*, circa 1475-1480]. 4º.
BNF inc. B-534.
- *La Fiammetta*. [Nápoles, Francesco del Tuppo,] 20- IX-1480. 4º.
BNF inc. B-535.
- *La Fiammetta*. SQUARZAFICUS (Hieronymous). *Epistola*. Veneza, Massimo Butrici, 24-IX-1491. 4º.
BNF inc. B-537.
- *Il Filocolo*. SQUARZAFICUS (Hieronymous). *Vita di Boccaccio*. Milão, [Leonhard Pachel e Ulrich Scienzeler para?] Filippo da Lavagna, 4-II-1478. 2º.
BNF inc. B-538.
- *Il Filocolo*. SQUARZAFICUS (Hieronymous). *Vita di Boccaccio*. Nápoles, Sixtus Riessinger para Francisco del Tuppo, 8-III-1478. 2º ill.
BNF inc. B-539.
- *Il Filocolo*. Veneza, Filippo di Pietro, 19- IV - 1481. 2º.
BNF inc. B-540.

- *Il Filocolo*. SQUARZAFICUS (Hieronymous). *Vita di Boccaccio*. Veneza, Pellegrino Pasquali, 24-XII-1488. 2º.
BNF inc. B-541.
- *Genealogiae deorum*. BANDINO (Domenico di). *Tabula*. Veneza, Wendelinus de Spira, 1472. 2º.
BNF inc. B-542.
- *Genealogiae deorum. De Montibus, silvis, fontibus, lacobus, fluminibus, stagnis seu paludibus, de nominibus maris*. BANDINO (Domenico di). *Tabula*. Reggio Emilia, Bartolomeo e Lorenzo Bruschi, pridie Nonas Octobris [6-X]-1481. 2º.
BNF inc. B-543.
- *Genealogiae deorum. De Montibus, silvis, fontibus, lacobus, fluminibus, stagnis seu paludibus, de nominibus maris*. BANDINO (Domenico di). *Tabula*. Vicenza, Simone Bevilacqua, 20-XII-1487. 2º.
BNF inc. B-544.
- *Genealogiae deorum. De Montibus, silvis, fontibus, lacobus, fluminibus, stagnis seu paludibus, de nominibus maris*. BANDINO (Domenico di). *Tabula*. Veneza, Boneto Locatello para Ottaviano Scoto, Septimo kalendas Martias [23-II]-1494/95. 2º., ill.
BNF inc. B-545.
- *Genealogiae deorum. De Montibus, silvis, fontibus, lacobus, fluminibus, stagnis seu paludibus, de nominibus maris*. BANDINO (Domenico di). *Tabula*. Veneza, Manfredo Bonelli [e Matteo Capcasa?], Octavo kalendas Aprilis [25-III]-1497. 2º., ill.
BNF inc. B-546.
- *Genealogiae deorum*, lib. I-XIII [versão abreviada]. [Lovaina, Johann Veldener, circa 1473-1474] 2º.
BNF inc. B-547.
- [*Genealogiae deorum. Fr.*] *Boccace de la genealogie des dieux*. Paris, para Antoine Vérard, 9-II-1498/99. 2º, ill.
BNF inc. B-548.
- *De Montibus, silvis, fontibus, lacobus, fluminibus, stagnis seu paludibus, de nominibus maris*. Veneza, [Wendelinus de Spira,] Idus Iañ. [13- I] - 1473. 2º.
BNF inc. B-549.
- *Ninfale fiesolano*. [Florença? Bartolomeo de' Libri? non post 1480.] 4º.
BNF inc. B-550.
- *Ninfale fiesolano*. [Roma, Sixtus Riessinger e Georgius Teutonicus? (= Georg Herolt?), circa 1482-1483.] 4º.
BNF inc. B-551.
- *Teseide*. Comentários de Pietro Andrea de Bassi. Ferrara, Agostino [Carnerio], 1475. 2º.
BNF inc. B-552.

II-2. *Incunábulo de Boccaccio em Bibliotecas de Espanha*⁸⁷

- *De casibus illustrium virorum* [Em espanhol:] *Caída de príncipes*, trad. por Pedro López de Ayala, Alfonso García y Juan Alfonso de Zamora.
Sevilha. Meinardo Ungut y Estanislao Polono. 29 diciembre, 1495. – Fol.
Barcelona B. Catal. Gerona BP. Madrid BN. Poyo Mon. Sevilla B. Cap (Colombina).
B. Esp. inc. 1084
- *De casibus illustrium virorum* [em francês:] *Du dechiet et ruyne des nobles hommes et femmes*, trad. par Laurent de Premierfait.
Lyon. Mathieu Huss et Jean Schabeller. 1483. – Fol.
Madrid BN.
B. Esp. inc. 1085
- *De claris mulieribus*.
Lovanii. Aegidius van der Heerstraten. 1487. – 4º.

Salamanca BU.
B. Esp. inc. 1086
- *De claris mulieribus* [Em espanhol:].
Saragoça. Pablo Hurus. 24 octubre, 1494. – Fol.
Barcelona B. Catal. Escorial R. Mon. Madrid BN. Salamanca BU.
B. Esp. inc. 1087
- *La Fiammetta*.
[Nápoles. Francesco del Tuppo]. 20 septiembre, 1480. – 4º.
Madrid BN.
B. Esp. inc. 1088
- *La Fiammetta*.
Venezia. Massimo de Butrici. 24 septiembre, 1491. – 4º.
Madrid BN.
B. Esp. inc. 1089
- *Il Filocolo, poema*.
Milano. Domenico da Vespolate. 14 junio, 1476. – Fol.
Barcelona B. Catal.
B. Esp. inc. 1090
- *Il Filocolo, poema*.
Milano. Ulrico Scinzenzeler. 8 noviembre, 1499. – 4º.
Villanueva y Geltrú B. Balaguer.
B. Esp. inc. 1091

⁸⁷ *Catálogo General de Incunables en bibliotecas Españolas*, coordenação de e direção de Francisco García Craviotto, (2 tomos), Madrid, Dirección General del Libro y Bibliotecas, 1989, tomo I.

– *Genealogiae deorum.*

Venetiis. Vindelinius de Spira. 1472. – Fol.

Córdoba *B.Cap.* Escorial *R.Mon.* Madrid *RACM., BN.* Montserrat *Mon.* Salamanca *BU.*

B. Esp.inc. 1092

– *Genealogiae deorum. De montibus, silvis, fontibus, lacubus et fluminibus ac de stagnis et paludibus necnon et de diversis maris nominibus.*

Vicentiae. Simon de Gabis [= Simon Bevilaqua] 20 diciembre, 1487. – Fol.

Madrid *Alba, BN.*

B. Esp.inc. 1093

– *Genealogiae deorum. De montibus, silvis, fontibus, lacubus et fluminibus ac de stagnis et paludibus necnon et de diversis maris nominibus.*

Venetiis. Bonetus Locatellus; *impens.* Octaviani Scoti. 23 febrero, 1494/95. – Fol.

Barcelona *BU.* Granada *BU.* Madrid *BN.* Montserrat *Mon.* Palma *BP.* Salamanca *BU.* Sevilla *B.*

Cap., BU. Silos *Mon,* Toledo *BR* Zamora *BP.*

B. Esp.inc. 1094

– *Genealogiae deorum. De montibus, silvis, fontibus, lacubus et fluminibus ac de stagnis et paludibus necnon et de diversis maris nominibus.*

Venetiis. Manfredus [de Bonellis] de Strevo. 25 de março, 1497. – Fol.

Burgos *BR* Cuenca *Sem.* Madrid *B.Palacio Real.* Salamanca *BU.* Valencia *BU.*

B. Esp.inc. 1095

– *Genealogiae deorum. De montibus, silvis, fontibus, lacubus et fluminibus ac de stagnis et paludibus necnon et de diversis maris nominibus.*

Venetiis. [Vindelinius de Spira]. 13 enero, [1]473. – Fol.

Córdoba *B. Cap.* Escorial *R.Mon.* Madrid *BN.* Palma *BP.* Salamanca *BU.* Valladolid *BU.*

B. Esp.inc. 1096

– *Ninfale Fiesolano.*

Venezia. Tomaso de' Biavi e Bruno Valla. Agosto, 1477. – 4º.

Sevilla *B. Cap (Colombina).*

B. Esp.inc. 1097

– *La novella di Gismonda e Guiscardo (Decam.IV,1) (em latim.) [constante de] De duobus amantibus, a Leonardo Aretino traducta.*

Valentiae. Lambertus Palmart. c. 1474. 4º.

Escorial *R.Mon.* Madrid *BN.*

B. Esp.inc. 1229

– *Le novelle di Tito Romano e Gisippo Ateniese (Decam. X.8) e di Cimone (Decam. V,1), (em latim) (constante de) Orationes et poemata a Philippo Beroaldo.*

Madrid *BN.*

B. Esp.inc. 980

– *Urbano, figliuolo di Federigo Barbarossa, favola.*

[Bolonha. Francesco Platone de' Benedetti, c. 1490]. – 8º.

Madrid *BN., B.Palacio Real.*

B. Esp.inc. 1098

*II-3. Incunábulos em Bibliotecas de Portugal*⁸⁸

– *Il Filocolo.*

Milano, Filippo da Lavagna, 4 de Fevereiro de 1478.

Lisboa, *Acad. Ciênc.*

B. Port. inc. 370

– *Genealogia deorum; De Montibus, silvis, fontibus.*

Veneza, Boneto Locatello para ottaviano Scoto, 23 de Fevereiro, de 1494-1495.

Lisboa, *BNP*

B. Port. inc. 371

– *Genealogia deorum; De Montibus, silvis, fontibus.*

Veneza, Manfredo Bonelli, 25 de Março de 1497.

Lisboa, *BN*

B. Port. inc. 372

⁸⁸ *Os Incunábulos das Bibliotecas Portuguesas, volume I – Catálogo*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, coordenação e organização Maria Valentina C. A. Sul Mendes, col^o. “Inventário do Património Cultural Móvel – Bibliotecas”, 1995, p. 128. Vide, ainda, *Biblioteca Nacional [de Portugal], Catálogo de Incunábulos*, coordenação de Maria Valentina Mendes, Lisboa: BNP, 1988.